



INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA

**Etnobotânica de árvores e palmeiras em três comunidades ribeirinhas
do rio Jauaperi, na divisa entre Roraima e Amazonas**

Stefan Ammann

Dissertação de mestrado

Manaus, Amazonas

Julho, 2014

STEFAN AMMANN

**Etnobotânica de árvores e palmeiras em três comunidades ribeirinhas
do rio Jauaperi, na divisa entre Roraima e Amazonas**

ORIENTADOR:

Dr. Michael John Gilbert Hopkins

COORIENTADORES:

Dra. Veridiana Vizoni Scudeller

Dr. William Milliken

Dissertação apresentada ao
Instituto Nacional de Pesquisas da
Amazônia como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestre em Ciências
Biológicas, área de concentração
em Botânica

Manaus, Amazonas

Julho, 2014

A518 Ammann, Stefan

Etnobotânica de árvores e palmeiras em três comunidades ribeirinhas do rio Jauaperi, na divisa entre Roraima e Amazonas / Stefan Ammann. --- Manaus: [s.n.], 2014.

xi, 83 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) --- INPA, Manaus, 2014.

Orientador : Michael John Gilbert Hopkins.

Coorientador : Veridiana Vizoni Scudeller, William Milliken.

Área de concentração : Biodiversidade Vegetal da Amazônia, Reprodução e Crescimentos de Vegetais.

1. Etnobotânica. 2. Consenso de informantes. 3. Ribeirinhos. I. Título.

CDD 584.5

Sinopse:

Este estudo investiga os nomes populares empregados para árvores e palmeiras em quatro trilhas utilizadas por ribeirinhos das comunidades Gaspar, Itaquera e Xixuaú, localizadas nas margens do rio Jauaperi, na divisa de Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR). Além disso, foi avaliado o uso dessas árvores e palmeiras por esses moradores.

Palavras-chave: etnobotânica; categorias de uso; consenso de informantes; caboclo ribeirinho; baixo rio Negro; comunidades tradicionais

Aos moradores das comunidades Gaspar, Itaquera, Samaúma e Xixuaú, com toda a minha gratidão e admiração por todos os momentos em que convivemos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que se dispuseram participar das entrevistas. Em especial, ao coinvestigador da pesquisa, Thiago dos Santos Marinho, mais conhecido como Taco, e aos demais entrevistados: Aloísio Barroso do Nascimento, Francineide P. Santa Luzia, Lean Soares da Silva, Dorotéia Nascimento, Seu Carlito, Naide Alves Barroso, Gabriel, Ezequias dos Santos Marinho, Rozan Dias da Silva, José Roberto da Silva, Maria Regina, Raimundo Pereira Lima, Pedro da Silva Barboza, Ozéas Ferreira, Aldinei Nazaré Brazão, Valdemar da Silva Brazão, Alda de Nazaré Brazão, Alan de Nazaré Brazão, Andreza de Nazaré Brazão, Wagner da Silva Bastos, Marcelino Machado Ferreira, Maria do P. Socorro da S. Nazaré, Márcia de de Nazaré Brazão, Alexandre de Araújo Gomes, José Pereira de Lima, Adalto Júnior Lima Santos, Francieni Lima Santos, Márcio Nascimento Souza, Albertino P. da Silva, Francisco P. de Lima, Francini Lima de Lima, Marinez L. de Lima, Yara Clark, Naiza Alves Barroso, Meirydiane Lima de Lima, Karoline Lima de Lima, Manuel Ribeiro Marinho, José Goma da Silva, Christopher Clark, Francenildo, Franciane da Silva Nascimento, Queila da E. Silva, Francisco E. Santos, Fábio Lima dos Santos, Leandro Costa da Silva, Vanderson Soares da Silva, Sônia Maria Soares do Nascimento, Adenilza de Nazaré Brazão, José Parede, Marisa Barroso Horta, Francismar Nascimento da Silva, Raimundo Gama da Silva, Valdecir, Jéssica Ferreira Lima, Isac dos Santos Marinho, Raimundo Alves Barroso, Elton Leite da Encarnação, Maria Duarte, Francilane Nascimento Silva, Daniel dos Santos Marinho, Elizama Andrade da Silva, Guide Pereira de Souza. Sou grato ao Bagre, ao Chulinho e a Yara pela ajuda nas coletas botânicas.

Sou grato ao meu orientador, Mike, pela ajuda com logística de campo e no uso do BRAHMS. Sou grato aos meus coorientadores, Veridiana e William. Sou grato ao Glenn pelas sugestões de metodologia, de análise de dados e pelas aulas de etnobiologia. Sou grato ao Val pela ajuda na identificação de plantas e pelo entusiasmo contagiante de se trabalhar elas. Sou grato ao Seu Zé Ramos pela ajuda na identificação das plantas. Sou

grato à Dona Regina e ao Bitinha, que me ensinaram a costurar as plantas. Sou grato ao Caique e à Raquelzinha pela ajuda com os mapas.

Sou grato a meus colegas de turma da pós-graduação pela convivência durante mais de dois anos.

Sou grato ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), em especial ao Beto, a Neide e a Léia. Sou grato à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo auxílio financeiro.

Sou grato ao Idea Wild pelo financiamento da máquina fotográfica, da lente e do *flash* circular.

Sou grato a minha família, com quem sempre aprendo muito. Sou grato aos meus amigos que conviveram comigo esse período em Manaus. Sou grato a minha namorada, Izabel, por todo amor vivido e compartilhado e aos nossos sonhos futuros.

ETNOBOTÂNICA DE ÁRVORES E PALMEIRAS EM TRÊS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO JAUAPERI, NA DIVISA ENTRE RORAIMA E AMAZONAS

Resumo

Este estudo investiga o conhecimento e o uso de árvores e palmeiras em quatro trilhas utilizadas pelos moradores das comunidades Gaspar, Itaquera e Xixuaú, localizadas nas margens do rio Jauaperi, na divisa de Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR). Foram realizadas 48 entrevistas independentes, na forma de turnê guiada, com a aplicação de um questionário estruturado totalizando 50 dias em campo entre os meses de julho e outubro de 2012. O estímulo que norteou o estudo foi apresentar árvores e palmeiras previamente marcadas aos participantes da pesquisa, e a pergunta que o guiou foi: “O(A) senhor(a) conhece esse vegetal/planta?” Em caso afirmativo, o informante era indagado pelo nome como ele(a) o chamava, bem como o(s) uso(s) e a(s) parte(s) utilizada(s). Um total de 44 informantes entre 12 e 66 anos de idade participou das entrevistas. Foi abordado o conhecimento e o uso de 126 espécies de árvores e 11 de palmeiras com informantes masculinos e femininos de diferentes idades e com diferentes habilidades dentro da comunidade. Esta foi a primeira pesquisa a avaliar o conhecimento sobre árvores e palmeiras em três comunidades ribeirinhas do rio Jauaperi mediante a padronização do estímulo. Foram registradas 26 zonas de vegetação. Foram registrados 100 nomes de consenso. O grau de competência etnobotânica para os informantes variou de 5% a 96%. O tempo de residência na região oferece melhor explicação sobre o grau de conhecimento etnobotânico dos informantes que a idade do informante. A família *Arecaceae* apresentou o maior Family Use Value (FUV) de todas as famílias. Nas quatro trilhas marcadas, 94% (37 de 39) das famílias e 92% (127 das 137) das espécies foram citadas como úteis pelos ribeirinhos das três comunidades. Excluída a categoria combustível, 92% das famílias (36) e 89% das espécies (122) são citadas como úteis.

Palavras-chave: etnobotânica quantitativa; categorias de uso; consenso de informantes; caboclo ribeirinho; baixo rio Negro; comunidades tradicionais.

ETHNOBOTANY OF TREES AND PALMS IN THREE RIVERINE COMMUNITIES AT THE JAUAPERI RIVER, BORDER OF RORAIMA AND AMAZONAS STATES, BRAZIL.

Abstract

This study is of the use and knowledge of trees and palms in four trails used by the inhabitants of three villages, Gaspar, Itaquera and Xixuaú, on the banks of the River Jauaperi, on the frontier between Novo Airão (Amazonas state) and Rorainópolis (Roraima state). A total of 48 independent interviews made during a guided walk with a structured questionnaire, during 50 days from July to October 2012. The questions were based on previously marked trees and palms which were shown to the interviewees, with the question “do you know this plant?”. If the reply was affirmative, the interviewee was asked for its name, and what was the utility of the plant, and which part was used. A total of 44 informants between 12 and 66 years of age participated in the interviews. The knowledge and use of 126 species of trees and 11 palms was documented, and informants were of both genders, various ages, and with different histories and experiences within the communities. This is the first structured study of local knowledge of trees and palms of communities on the River Jauaperi. Twenty six names for vegetation types were recorded. One hundred consensus names were registered. The ethnobotanical competence level of the interviewees varied from 5 to 96%. The length of previous residence provided a better explanation for competence level than age. The family Arecaceae had the highest FUV (Family Use Value). On the four trails, 94% (37 of 39) of the families and 92% (127 of 137) of the species were cited as being used by members of the three communities. Excluding the general category of fuel, 92% of the families (36) and 89% of the species (122) were cited as being useful.

Keywords: quantitative ethnobotany; use categories; informants consensus; caboclo ribeirinho; low rio Negro; traditional communities.

Sumário

Apresentação.....	x
Objetivos.....	xi
Objetivo geral	xi
Objetivos específicos	xi
Introdução	1
Material e métodos	2
Área de estudo.....	2
Breve contextualização etnográfica das comunidades	3
Aspectos éticos da pesquisa	5
Coleta e análise de dados	6
Coleta dos dados etnobotânicos	7
Descrição da metodologia de avaliação do grau de competência etnobotânica.....	8
Análise dos dados	9
Resultados.....	10
Caracterização geral dos informantes	10
Diversidade de plantas nas trilhas	11
Zonas vegetacionais reconhecidas pelos moradores	12
Nomenclatura local ou taxonomia “folk”	13
Graus etnobotânicos de competência dos informantes e das espécies	19
Usos e partes utilizadas	23
Discussão	30
Conclusões	42
Agradecimentos.....	43
Bibliografia citada	43
Anexos	47
Tabela 1.....	47

Tabela 6	57
Apêndice1 –Termo de anuência prévia	74
Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	80
Apêndice 3- Ata da qualificação	81
Apêndice 4-Ata da defesa	82

Apresentação

Esta dissertação foi elaborada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Biologia (Botânica) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). A pesquisa está inserida no Programa Botânica Comunitária Xixuaú-Xiparinã.

O estudo aborda o conhecimento e o uso de árvores e de palmeiras em quatro trilhas utilizadas pelos moradores das comunidades Gaspar, Itaquera e Xixuaú, localizadas às margens do rio Jauaperi, na divisa de Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR). Foram realizadas 48 entrevistas independentes, na forma de turnê guiada, com a aplicação de um questionário estruturado, durante 50 dias de trabalho de campo, entre julho e outubro de 2012. O estímulo que norteou o estudo foi apresentar árvores e palmeiras previamente marcadas aos participantes da pesquisa, e a pergunta que o norteou foi: “O senhor(a) conhece esse vegetal/planta?” Em caso afirmativo, o informante era indagado sobre o nome que ele(a) o(a) chamava, bem como o(s) uso(s) e a(s) parte(s) utilizada(s).

Um total de 44 informantes entre 12 e 66 anos de idade participou das entrevistas. Foram marcadas, coletadas e identificadas 126 espécies de árvores e 11 de palmeiras. Esta foi a primeira pesquisa a avaliar o conhecimento sobre árvores e palmeiras em três comunidades ribeirinhas do rio Jauaperi, mediante a padronização do estímulo.

A dissertação é composta por um capítulo único na forma de artigo científico.

Quanto à formatação, o artigo obedece às normas da *Acta Amazonica*. As figuras e as tabelas, com as respectivas legendas, são apresentadas ao longo do texto. No final, estão as conclusões do trabalho.

Objetivos

Objetivo geral

Avaliar o conhecimento e o uso de árvores e de palmeiras pelos moradores das comunidades ribeirinhas Gaspar, Itaquera e Xixuaú, na divisa de Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR), em quatro trilhas utilizadas por eles.

Objetivos específicos

1. Registrar diferentes zonas vegetacionais, reconhecidas pelos moradores das comunidades ribeirinhas, em ambiente de terra-firme e em ambientes sujeitos a alagamentos sazonais;
2. Identificar a variação de nomes dados às árvores e às palmeiras nas quatro trilhas;
3. Avaliar o grau de conhecimento etnobotânico sobre as árvores e as palmeiras das quatro trilhas, relacionando-o com a idade do informante e o tempo de residência dele na região;
4. Avaliar a relação entre o conhecimento sobre árvores e as palmeiras e a saliência representada pela área basal e pela frequência de ocorrência das espécies marcadas nas trilhas;
5. Calcular o índice de valor de uso para cada espécie (UVs) e o valor de uso para cada família botânica (FUV).

Introdução

A etnobotânica estuda a relação de populações humanas com o meio botânico que as circunda, buscando entender as concepções desenvolvidas por diferentes culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (ALBUQUERQUE, 2005). Segundo PRANCE (1995), é de suma importância a existência de estudos que envolvam comunidades tradicionais não indígenas, como caboclos, camponeses, mestiços etc., pois elas foram negligenciadas pelos etnobotânicos.

Técnicas de investigação quantitativas estão sendo usadas por etnobotânicos para estudar o conhecimento tradicional, porque elas são mais confiáveis para a coleta e a análise dos dados do que as técnicas puramente qualitativas (PHILLIPS, 1996). Estudos que avaliam o consenso entre as respostas dos informantes são úteis para o estudo do sistema tradicional de taxonomia e permitem comparar a correspondência entre os táxons científicos e os táxons tradicionais (ALEXIADES, 1996).

Uma forma de avaliar a variação do conhecimento local pode ser examinando o consenso de nomes indicados pelos informantes. O consenso de informantes é baseado no consenso cultural (ROMNEY *et al.* 1986; PHILLIPS, 1996) e, dessa maneira, informantes que concordam entre si sabem mais sobre esse assunto específico ou apresentam competência mais alta do que os que não concordam entre si.

Certos domínios de uma cultura são conhecidos por quase todas as pessoas que fazem parte dela, enquanto outros domínios são específicos de algumas pessoas. Sistemas tradicionais de nomenclatura botânica não costumam ser sistematizados. Como existe variação na forma de transmissão e de manutenção do conhecimento nas sociedades humanas, o grau de conhecimento etnobotânico entre informantes apresenta variação segundo a faixa etária, o sexo, o grau de interesse ou de especialização, a origem geográfica, o tempo de residência na comunidade de estudo (SHEPARD *et al.*, 2006) e o tempo de convivência com os pais (MILLIKEN *et al.*, 1992).

A nomenclatura etnobiológica representa um sistema de nomeação que revela muito sobre como as pessoas conceituam os seres vivos e seu ambiente (BERLIN, 1992), e estudos de etnobiologia mostram como sociedades tradicionais nomeiam e usam paisagens e plantas do entorno em que vivem (MILLIKEN *et al.*, 1992; SHEPARD *et al.*, 2001; ABRAÃO *et al.*, 2008).

A nomeação de um organismo vivo está relacionada aos conceitos de *saliência intrínseca* e de *saliência cultural* (BROWN, 2003). O primeiro pode ser devido a algum

caráter morfológico que apresenta destaque, enquanto o segundo tem a ver com a utilidade que o organismo apresenta para as pessoas. Por exemplo, os índios Aguaruna, no Peru, identificam árvores utilizando pistas sensoriais e ecológicas (JERNIGAN, 2008); já os indígenas Baniwa nomeiam as palmeiras segundo a morfologia, a ecologia e a cultura deles (AGUIAR; MENDONÇA, 2011). A concordância quanto ao nome das árvores, para os moradores do município de Sete barras (São Paulo), tem a ver com a abundância de ocorrências da espécie no local estudado e não com outras variáveis como o tamanho e a espessura da árvore (HANAZAKI *et al.*, 2010).

O objetivo deste trabalho foi registrar e avaliar o conhecimento e o uso de árvores e palmeiras pelos moradores das comunidades ribeirinhas Gaspar, Itaquera e Xixuaú na divisa de Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR), em quatro trilhas utilizadas por eles, bem como registrar as espécies com maiores valores de uso. A avaliação do conhecimento dos ribeirinhos levou em conta a classificação do ambiente e o grau de conhecimento botânico medido a partir do consenso entre os informantes.

Material e métodos

Área de estudo

O estudo foi realizado em três comunidades ribeirinhas do rio Jauaperi. Esse rio se encontra com o rio Negro no vilarejo de Moura, fazendo parte do baixo rio Negro, e faz a divisa geográfica entre os Estados do Amazonas e Roraima, separando os municípios de Novo Airão e Rorainópolis. Tanto hoje como no passado, o rio é alvo de muitos conflitos. Alípio Bandeira (1926), membro do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), nos fornece um relato emocionante de sua viagem, em 1911, pelo rio Jauaperi, deixando claro que o rio era habitado por “gente pacífica” e não por “antropófagos”. Segundo ele, a crescente entrada de aventureiros em busca de castanhais e “seringa torrada”, incentivada pelos governantes da época, resultou em pelo menos dois massacres, um em 1873 e outro em 1895. Ele narra que “uma aldeia inteira de infelizes selvagens foi barbaramente

incendiada”, o que certamente reduziu a influência indígena sobre essa parte do rio Jauaperi.

Durante este estudo, foi possível perceber vestígios da influência indígena, como, por exemplo, cacos de cerâmicas em áreas de roçadas. Cerca de 50 quilômetros mais ao norte da comunidade Xixuaú, o rio Jauaperi corta a Reserva Indígena Waimiri-Atroari e, a partir desse ponto, a passagem de embarcações e pessoas é regulada pelos indígenas.

Este estudo foi realizado com populações típicas amazônicas, com origens ameríndias na várzea e/ou em terra-firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (FRAXE *et al.*, 2009). Nesse contexto, o caboclo ribeirinho desenvolve a agricultura familiar e outras atividades, com fortes vínculos com o ambiente natural no qual está inserido (FRAXE, 2004). Neste estudo, utilizou-se preferencialmente, o termo ribeirinhos para caracterizar os habitantes da região de estudo.

Os atuais habitantes das comunidades estudadas fazem uso da língua portuguesa, sendo este o idioma ensinado nas escolas. Nenhum dos entrevistados domina a língua indígena dos antigos moradores da região, porém pode-se notar que alguns nomes usados para designar as árvores e as palmeiras podem ter origem nas línguas indígenas, como, por exemplo, macacarecuia, arabá, uxirana, arapari, taquari, cuainho, caraipé, paracaxi, ubim, carapanaúba e tanimbuca.

Breve contextualização etnográfica das comunidades

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas durante 2012. A primeira teve a duração de 15 dias, em julho, e a segunda, de 35 dias, entre setembro e outubro.

Quatro visitas anteriores, em 2011 e 2012, permitiram conhecer melhor a região de estudo. Nas duas primeiras visitas, foram realizadas coletas botânicas de plantas de diferentes ambientes, e.g., terra-firme, igapó e igarapés. As duas outras visitas foram para conhecer melhor as comunidades de estudo e a vegetação de seu entorno.

O rio Jauaperi dita o ritmo de vida dos ribeirinhos que vivem às suas margens. Suas águas correm lentamente e são utilizadas para beber, tomar banho, lavar roupas e navegar. Os ribeirinhos, quando não moram em barcos, moram próximos às margens do

rio, em casas de palafita. Esse rio, seus lagos e os igarapés que o abastecem fornecem grande e diversificada quantidade de peixes e muitas espécies de quelônios, chamados localmente de “bicho-de-casco”, muito utilizados na alimentação.

Os ribeirinhos praticam a caça e a pesca para o autoconsumo. Os estilos de pesca registrados durante a pesquisa foram os seguintes: malhadeira, linha e anzol, caniço, zagaia, arpão, espinhel¹ no fundo da água, espinhelzinho na superfície do rio, cacuri e focação. Para pegar os “bichos-de-casco”, foram registrados o mergulho, o uso de jatica,² a estiradeira com anzol a cada 1,5m, a malhadeira e o capa-saco.³ Este último estilo de pesca, segundo um dos entrevistados, constitui-se de “uma bolsa que atravessa o rio. Mata tudo, boto, arraia...”.

A caça de animais constitui grande fonte de proteína para esses moradores e, em muitos casos, é uma das poucas fontes de renda. O estilo de caça mais praticado durante o período em que foi realizada a pesquisa foi a chamada “focação”. O ribeirinho sai de preferência em noites escuras, sem luar, com sua canoa, carregando bateria de carro, cabo, holofote, zagaia, espingarda e cartucho. O ribeirinho vai iluminando as partes rasas do igapó em busca do peixe a ser capturado com um golpe de zagaia. Caso um animal surja em alguma ponta de terra ou empoleirado na vegetação, é disparado o tiro com a espingarda, que já se encontra preparada.

Quanto às comunidades estudadas, as três apresentam perfis bastante diferentes. A comunidade Gaspar é a primeira, para quem sobe o rio saindo de Moura. Está localizada no encontro do igarapé do Gaspar com o rio Jauaperi. Existem três casas de palafita construídas, todas cobertas com telhas. Uma das casas é a sede da Escola Municipal Viva Amazônia. A maior casa é habitada pelo líder da comunidade e sua esposa, sete filhos, netos, um genro e um amigo da família. Esses habitantes são exímios artesãos, e a venda dos objetos produzidos por eles constitui a principal renda da família. A outra casa é habitada por um casal de professores de origem italiana e seus dois filhos. Nessa comunidade, é desenvolvido um projeto de educação ambiental que trata dos quelônios da região. A luz que existe durante a noite vem das velas, das lamparinas e das baterias, que são carregadas via energia solar.

¹ Técnica de pesca que utiliza uma linha principal e linhas secundárias contendo anzóis e iscas para atrair os peixes.

² Arpão de haste comprida usado na pesca de quelônios.

³ Malha forte colocada de uma margem a outra do rio, usada na pesca de quelônios.

A comunidade Itaquera localiza-se num ponto elevado e firme da margem direita do rio Jauaperi. Existem 14 casas construídas, uma escola, duas igrejas e lá moram cerca de 80 pessoas. Indo em direção à terra-firme, encontra-se muita capoeira e alguns roçados de mandioca. A maior parte da renda dos moradores vem do trabalho com artesanato, pesca e produção de farinha. Alguns moradores também trabalham construindo canoas e embarcações maiores com a madeira do entorno da comunidade.

A comunidade Xixuaú localiza-se de frente para o lago do Xixuaú, a cerca de 300m do curso principal do rio Jauaperi. Essa comunidade vem há mais de uma década desenvolvendo atividades turísticas de base comunitária, recebendo centenas de visitantes por ano. Existem 13 casas construídas, uma escola, uma igreja de alvenaria, uma maloca grande para atender os turistas e cinco maloqueiras para hospedar os turistas.

As comunidades Itaquera e Xixuaú são atendidas pelo programa Luz para Todos, do governo federal. O gerador a diesel funciona das 12h às 23h, o que permite o uso de *freezers*, geladeiras, televisores e serras elétricas. Além desse programa, muitas mães solicitam auxílio financeiro por meio do Programa Bolsa-Família, que paga R\$ 60,00 por filho matriculado na escola, sem os quais muitas famílias passariam por maiores dificuldades para se alimentar e comprar roupas.

Aspectos éticos da pesquisa

Para a efetivação da pesquisa, foi realizada uma reunião com os líderes comunitários de cada comunidade, na qual foi apresentado o Termo de Anuência Prévia (TAP), deixando-se claro, desde o início, não se tratar de estudo com finalidade econômica ou comercial. Depois do consentimento para a realização da pesquisa, tendo sido garantido o direito de o líder comunitário recusar o acesso ao conhecimento tradicional, associado ao patrimônio genético, durante o processo de obtenção da anuência prévia, o projeto foi submetido e, posteriormente, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (CEP-Inpa) – CAAE: 00592612.9.0000.0006. O projeto foi aprovado também pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – Processo nº 01450007882/2012-41. Foi obtido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em cada entrevista.

Coleta e análise de dados

Desenho amostral

Para a realização do estudo foram escolhidas quatro trilhas utilizadas pelos moradores das comunidades em suas atividades cotidianas (Figura 1).

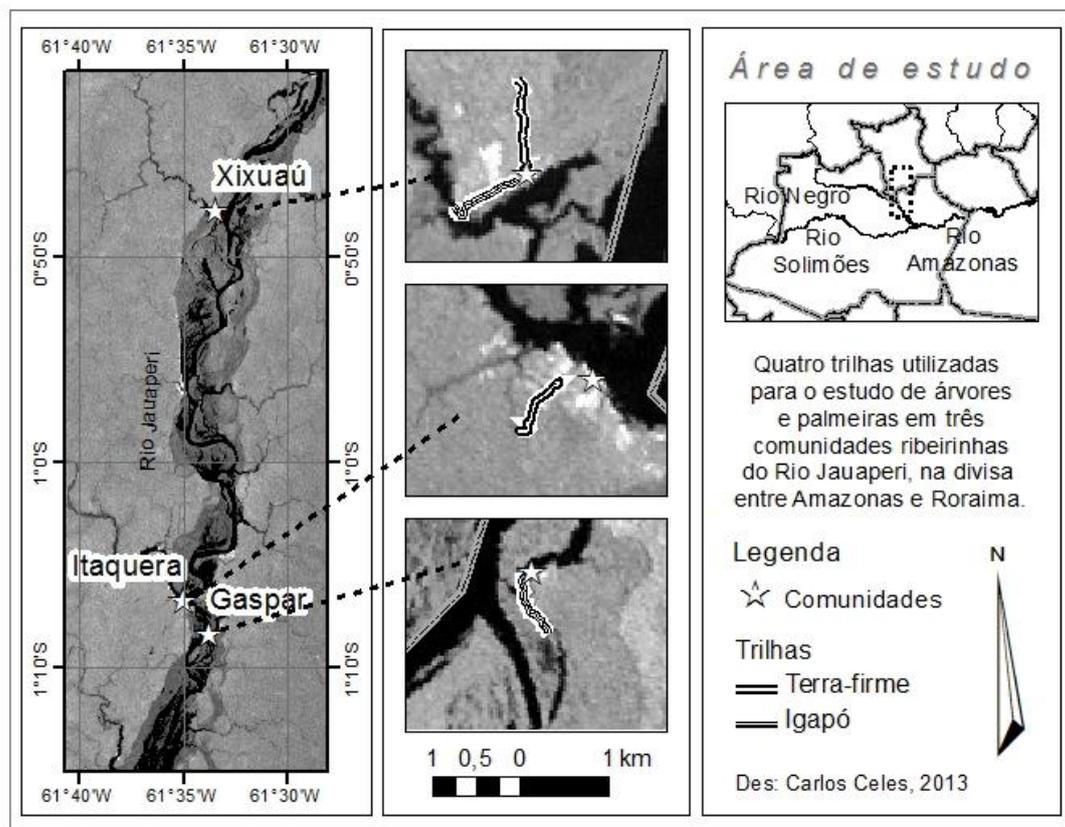


Figura 1. Quatro trilhas utilizadas para o estudo de árvores e palmeiras em três comunidades ribeirinhas situadas nas margens do rio Jauaperi, na divisa entre Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR)

As árvores e palmeiras foram marcadas nos primeiros 700m de extensão das trilhas. Duas trilhas foram selecionadas em ambiente de terra-firme e duas em ambiente de igapó. Na comunidade Xixuaú, foram escolhidas duas trilhas, uma em ambiente de

terra-firme e outra em igapó. Na comunidade Itaquera, foi escolhida uma trilha em terra-firme, e na comunidade Gaspar foi escolhida uma em igapó.

As trilhas utilizadas para a pesquisa eram muito diferentes entre si. A trilha em terra-firme na comunidade Xixuaú começava próximo às casas dos comunitários, passando por algumas árvores e palmeiras típicas de quintal. Em seguida, continuava atrás de um campo de futebol, em ambiente de capoeira alta em terra-firme, que ficava alagada apenas em ano de cheia muito acentuada. A trilha acabava em mata de terra-firme mais fechada, com árvores mais altas.

O igapó em frente à comunidade Xixuaú fica totalmente alagado durante a cheia do rio. Durante o período da pesquisa, o igapó estava seco e estava sendo utilizado para a fabricação de carvão, construção de canoas, como porto para embarcações e pelas crianças para brincar. A trilha nesse igapó encontrava-se quase toda sombreada pela copa das árvores e no final dela havia um aglomerado de (*Ferdinandusa lanceolata* K. Schum – Rubiaceae).

O começo da trilha em terra-firme na comunidade Itaquera é uma capoeira alta com plantas remanescentes de antigos roçados, e.g., tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey. – Arecaceae) e goiaba-de-anta (*Bellucia dichotoma* Cogn. – Melastomataceae). Dois meses depois de terem sido feitas as marcações nas espécies em estudo, muitas plantas foram derrubadas para dar lugar a um roçado novo. A partir da metade da trilha, as árvores se tornam maiores e o ambiente mais sombreado.

A trilha no igapó da comunidade Gaspar é bastante sombreada, com relevo levemente ondulado e árvores altas. Quando o igapó está raso, os ribeirinhos utilizam essa área para pescar de zagaia.

Coleta dos dados etnobotânicos

Ao longo de cada uma das trilhas, foram escolhidos 70 indivíduos de árvores com CAP (circunferência à altura do peito) \geq 10cm ou palmeiras de qualquer idade para fazerem parte do estudo. A partir do primeiro indivíduo marcado, por exemplo, do lado

esquerdo da trilha, mediram-se 10m para marcar outro indivíduo, do lado direito da trilha, até completar os 70 indivíduos.

Cada indivíduo foi marcado com uma fita colorida, para que fosse encontrado com maior facilidade, e uma placa de alumínio contendo um número de identificação que variava de 1 a 70. Além disso, cada indivíduo teve seu CAP medido, exceto as palmeiras jovens.

As espécies marcadas foram coletadas, fotografadas, herborizadas e identificadas. As palmeiras tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey.), inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart.), jauarí (*Astrocaryum jauari* Mart.), bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), açai (*Euterpe precatoria* Mart.) e paxiúba (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl) foram apenas observadas e identificadas no campo pela experiência do primeiro autor. As amostras botânicas estéreis foram depositadas no Herbário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Zona Leste (Herbário EAFM) e as amostras férteis, no Herbário do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Herbário INPA).

A metodologia turnê guiada ou “*walk in the woods*” (ALEXIADES, 1996) foi utilizada com as árvores e as palmeiras previamente marcadas. O estímulo que norteou o estudo foi apresentar árvores e palmeiras previamente marcadas aos participantes da pesquisa. Diante de cada planta, era feita a seguinte pergunta: “O(a) senhor(a) conhece esse vegetal/planta?”. Em caso afirmativo, o(a) informante era indagado sobre o nome pelo qual ele(a) o chamava, seu(s) uso(s) e a(s) parte(s) utilizada(s). Foram registrados dados referentes à idade, à origem e ao tempo de residência de cada informante na região.

Cada pergunta sobre o uso de cada espécie em um dia foi definida como um evento (PHILLIPS; GENTRY 1993a). Caso houvesse mais de um indivíduo marcado da mesma espécie, as respostas eram combinadas com a resposta prévia sobre a espécie.

Descrição da metodologia de avaliação do grau de competência etnobotânica

Para cada espécie, foi identificada, registrada e calculada a frequência do nome de “maior consenso” e a “variação do nome de maior consenso”. Toda vez que uma espécie

botânica recebia o mesmo nome por pelo menos dois informantes de uma comunidade, era registrado o consenso. O nome de “maior consenso” foi o mais usado para uma espécie, enquanto a “variação do nome de maior consenso” mostra nomes obviamente relacionados ao de “maior consenso”. Para cada espécie, foi calculada a porcentagem de “desconhecimento” sobre ela, ou seja, o número de vezes que os informantes não reconheceram ou não se lembraram de um nome para aquela espécie.

As espécies foram classificadas em quatro categorias. As que apresentaram um nome consensual para até 1/3 dos informantes foram chamadas de *baixo consenso*. As que apresentaram um nome consensual para até 2/3 dos informantes, de *médio consenso*, e as que apresentaram consenso para mais de 2/3 dos informantes, de *alto consenso*. As espécies que não receberam nome ou cujo nome não se repetiu foram chamadas de *sem consenso*.

Para cada informante, foi calculado o grau de competência etnobotânica dele, segundo SHEPARD *et al.* (2006). Com as informações deles, foi calculado o grau de competência etnobotânica de cada um, em relação a cada espécie para a qual existia um nome consensual entre, pelo menos, quatro informantes. O nome de maior consenso foi considerado o “correto”, ou seja, o mais utilizado no contexto da pesquisa. Se o informante usava o nome para a espécie, recebia um ponto. Se ele usava um nome dito por, pelo menos, dois informantes, recebia meio ponto. Espécies de baixo consenso foram excluídas.

Análise dos dados

Com o grau etnobotânico de competência calculado para cada informante, foi feita uma regressão simples, confrontando a idade e o tempo de residência de cada informante na região do rio Jauaperi. Também foi realizada uma regressão múltipla, utilizando essas três variáveis, sendo que a variável dependente foi o grau etnobotânico de competência de informante, e as duas variáveis independentes foram a *idade* e o *tempo de residência* do informante na região do rio Jauaperi.

O grau etnobotânico de competência em relação às espécies foi confrontado com a área basal e a frequência de ocorrência da espécie por trilha. O taquari (*Mabea nitida*

Spruce ex Benth. – Euphorbiaceae), por exemplo, ocorreu sete vezes na trilha em igapó na comunidade Xixuaú, então sua frequência foi 7 e sua área basal o somatório da área basal de cada indivíduo.

O uso das plantas foi agrupado em nove categorias: *alimento, construção, medicina, tecnologia de caça e pesca, tecnologia de transporte, tecnologia de artesanato, outras tecnologias, combustível e outras*. As categorias alimento, construção, medicina, tecnologia de caça e pesca, tecnologia de transporte, tecnologia de artesanato e outras tecnologias se baseiam em MILLIKEN *et al.* (1992). A categoria combustível segue BALÉE (1987), e a categoria outro, à qual foi adicionada “alimento para fauna”, segue PRANCE *et al.* (1987).

O valor de uso (UV) para as espécies foi calculado de acordo com PHILLIPS e GENTRY (1993a,b), exceto nos casos em que a análise levou em conta nomes científicos em vez de nomes comuns. O UV de cada espécie *s* para cada informante *i* é estimado segundo a fórmula $UV_{is} = \sum U_{is} / N_{is}$, na qual U_{is} é o número de usos mencionados em cada evento pelo informante *i*, e N_{is} é o número de eventos para a espécie *s* com o informante *i*. Como cada entrevista foi realizada em apenas um dia, o número de eventos N_{is} para a espécie *s* com o informante *i* foi sempre igual a um, exceto para os dois informantes que participaram de mais de uma trilha.

O UV total para cada espécie *s* é calculado segundo a fórmula $UV_s = \sum UV_{is} / n_s$, na qual n_s é o total de informantes entrevistados para a espécie *s*.

O UV para cada família botânica (FUV) é calculado de acordo com PHILLIPS e GENTRY (1993a) segundo a fórmula $FUV = \sum UV_s / N_f$, na qual UV_s é o valor de uso total para cada espécie e N_f é o número de espécies na família.

Resultados

Caracterização geral dos informantes

Dos 44 ribeirinhos que participaram da pesquisa, apenas 12 nasceram na própria região do rio Jauaperi. Alguns nasceram em regiões próximas, como Barcelos, Camanau

e Novo Airão. Outros, em regiões afastadas, como Manacapuru, Manaus, Parintins, Boa Vista (RR), São Luiz (RR) e municípios do rio Solimões, do rio Juruá e do Estado do Acre. O tempo de residência dos entrevistados na região de estudo variou entre 5 e 59 anos.. Foi registrado grande fluxo de pessoas entre as diferentes comunidades ribeirinhas.

Foram realizadas 48 entrevistas independentes, na forma de turnê-guiada, com a aplicação do questionário estruturado. Um total de 44 informantes entre 12 e 66 anos de idade participou das entrevistas. Um informante participou da turnê-guiada em todas as trilhas e outro participou em duas trilhas.

Participaram da pesquisa 30 homens e 14 mulheres. A pesquisa abordou sobretudo informantes masculinos, uma vez que as mulheres estavam ocupadas, cuidando das crianças e do lar. Além disso, há certa preocupação das mulheres em irem para o mato sozinhas com um homem.

Diversidade de plantas nas trilhas

Foram marcados 280 indivíduos de árvores e palmeiras, correspondendo a 137 espécies botânicas distribuídas em 39 famílias e 104 gêneros (Tabela 1). Fabaceae *lato sensu* e Arecaceae foram as famílias mais comuns, com 25 e 11 espécies coletadas, respectivamente. Os gêneros (*Pouteria* Aubl.), (*Casearia* Jacq.) e (*Inga* Mill.) foram os mais coletados, o primeiro com sete e os últimos com quatro espécies. As espécies mais frequentes foram (*Mabea nitida* Spruce ex Benth. – Euphorbiaceae), (*Vismia cayennensis* (Jacq.) Pers. – Clusiaceae) e (*Buchenavia ochroprumna* Eichler – Combretaceae), com dez, oito e sete indivíduos marcados, respectivamente. Das 131 coletas, 74% foram coletadas estéreis, 11% com flores, 10% com frutos, 3% com botões florais e 2% com flores e frutos.

Das 137 espécies, 23 foram marcadas em mais de uma comunidade. Somente a embaúba (*Cecropia distachya* Huber – Urticaceae) foi marcada nas três comunidades, tanto em ambiente de igapó como em ambiente de terra-firme. A espécie (*Eugenia patrisii* Vahl – Myrtaceae) foi a única presente tanto no ambiente de terra-firme como de igapó, na comunidade Xixuaú.

Os 70 indivíduos marcados em ambiente de terra-firme na comunidade Xixuaú correspondem a 42 espécies, enquanto que na comunidade Itaquera correspondem a 39 espécies. Dessas espécies, 15 foram comuns no entorno das duas comunidades.

Os 70 indivíduos marcados em ambiente de igapó na comunidade Xixuaú correspondem a 37 espécies, enquanto que na comunidade Gaspar correspondem a 45 espécies. Dessas espécies, oito foram comuns no entorno das duas comunidades.

Zonas vegetacionais reconhecidas pelos moradores

Ao longo da realização da pesquisa, foram percorridos, aproximadamente, 70 quilômetros na companhia de moradores das comunidades, para a realização das turnês guiadas. Esses momentos de deslocamento entre um ponto e outro permitiram conversar sobre as categorias de habitat, formações geológicas e tipo de vegetação reconhecida pelos ribeirinhos em sua classificação da paisagem local (Tabela 2).

Tabela 2. Diferentes zonas vegetacionais reconhecidas pelos moradores de três comunidades ribeirinhas situadas nas margens do rio Jauaperi, na divisa entre Novo Airão (AM) e Rorainópolis (RR), em ambiente de terra-firme e em ambientes sujeitos a alagamentos sazonais

Nome	Descrição
Alagado	Área alagada pelo rio.
Cabeceira de igarapé	Áreas alagadas com menor fluxo de água.
Cacaia	Área do igapó com presença de vegetação cerrada e de difícil passagem com a canoa.
Campina	Área de solo arenoso com vegetação baixa que sofre alagamentos sazonais.
Capoeira	Vegetação de porte baixo, muito presente em roçados abandonados.
Chavascal	Área totalmente alagada com grande presença de buriti (<i>Mauritia flexuosa</i> L.f. – Arecaceae) e patauá (<i>Oenocarpus bataua</i> Mart. – Arecaceae). Relacionado à cabeceira do igarapé ou ao olho d'água.
Floresta	Termo genérico para diferentes formações vegetais.
Furo	Caminho usado para passar de canoa pelo igapó em períodos de cheia, que serve para cortar as curvas do rio.
Igapó	Floresta de áreas que se alternam entre alagadas e secas, de acordo com o nível do rio.
Igarapé	Curso de água que desemboca no rio.
Igarapé chefe	Igarapé maior que recebe a água de igarapés menores.

Igarapézinho	Curso de água estreito que desemboca em outro curso maior.
Lago	Enseada formada em braços do rio, que levam a um menor fluxo de água.
Lago central	Depressão formada a alguns metros da margem do rio, que acumula água quando o nível da água do rio desce, utilizada para a pesca de pirarucu.
Mata	Termo genérico para diferentes formações vegetais.
Mata baixa	Vegetação de porte baixo, comum em áreas manejadas.
Mata fechada	Vegetação cerrada com muitos cipós e de difícil deslocamento,
Paraná	Curso de água paralelo ao curso do rio principal, algumas vezes usado, preferencialmente, para navegação,
Piqui	Caminho utilizado para andar no interior da mata, “piqui de castanha”.
Restinga	Vegetação baixa que surge depois da descida do nível do rio em áreas abertas.
Roça	Área cultivada, principalmente de mandioca.
Sítio	Área geralmente manejada, composta por árvores frutíferas e outras plantas úteis.
Terra-firme	Áreas mais elevadas que não sofrem alagamentos devido ao aumento do nível do rio.
Terra geral	Área de terra-firme que tem reduzida influência dos cursos hídricos.
Terra seguida	Área de terra-firme que tem reduzida influência dos cursos hídricos.
Varjado, vargem ou várzea	Área que surge nas margens do rio durante um período do ano em que o nível do rio baixa.

Nomenclatura local ou taxonomia “folk”

Houve grande variação dos nomes dados às plantas, bem como da porcentagem de consenso sobre determinada espécie botânica. Foram registrados 100 nomes de consenso, referentes a 114 espécies botânicas.

Muitos nomes empregam sufixos em sua construção. A sufixação corresponde à combinação de palavras em português, por derivação de palavras já existentes no idioma (AZEVEDO; MARGOTTI, 2012). Foram registrados nove sufixos empregados pelos moradores locais para a nomeação das etnoespécies:

eiro – açazeiro, bacabeira, breeiro, carequeira, castanheira, ingazeira, jutaizeiro, mulateiro, periquiteira, ripeira, seringueira, vidreiro, pitombeira, lacreiro, miratingueira, tanimbuqueira, cupuaçuzeiro, palheira, embaubeira,

marajazeiro, para-parazeiro, taxizeiro, tucumanzeiro, inajazeiro, paxiubeira, envireira.

rana – abiuarana, acapurana, capurana, ingarana, jarana, louro abacaterana, paxiubarana, tintarana, uxirana.

inho – apuruizinho, cuainho, cabeçudinho, murtinha, paxiubinha, tanimbuquinha, tartaruginha, lourinho, ubinzinho.

í – jutaí, açai, araparí, cabibí, coumatí, jauarí, mamuí,⁴ mututí, paracacaxí, taquarí, taxí, tauarí.

úba – carapanaúba, paracanaúba, guariúba, cupiúba, embaúba, massarandúba, paxiúba..

ão – embaubão.

açu – cupuaçu.

tinga – miratinga.

piranga – mirapiranga.

Os nomes jauarí (*Astrocaryum jauari* Mart.– Arecaceae), buchuchu (*Miconia* sp. – Melastomataceae) e goiaba-de-anta (*Bellucia dichotoma* Cogn. – Melastomataceae) foram os que tiveram os nomes de consenso mais altos, com 100%, 90% e 88% de consenso, respectivamente. Já quando foi somada a porcentagem de consenso do nome que recebeu o maior consenso com a variação do nome de maior consenso que se refere explicitamente à mesma entidade biológica, outras sete espécies atingiram 100% de consenso entre os informantes: castanha e castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae), açazeiro e açai (*Euterpe precatoria* Mart. – Arecaceae), cupuaçu, cupu e cupuaçuzeiro (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schum. – Malvaceae), seringueira e seringa (*Hevea spruceana* (Benth.) Müll. Arg. – Euphorbiaceae), tucumã e tucumanzeiro (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey. – Arecaceae) e ingá e ingazeira (*Inga macrophylla* Kunth ex Willd. – Fabaceae).

Os informantes deram muitos nomes diferentes para as espécies marcadas. Nomes de alto consenso de respostas entre os informantes somam, aproximadamente, 20% das espécies marcadas. Mais de 40% das espécies marcadas apresentaram nomes com baixos valores de consenso de respostas entre os informantes (Figura 2).

⁴ Som nasal; difícil diferenciar *mamuí* de *namuí*.

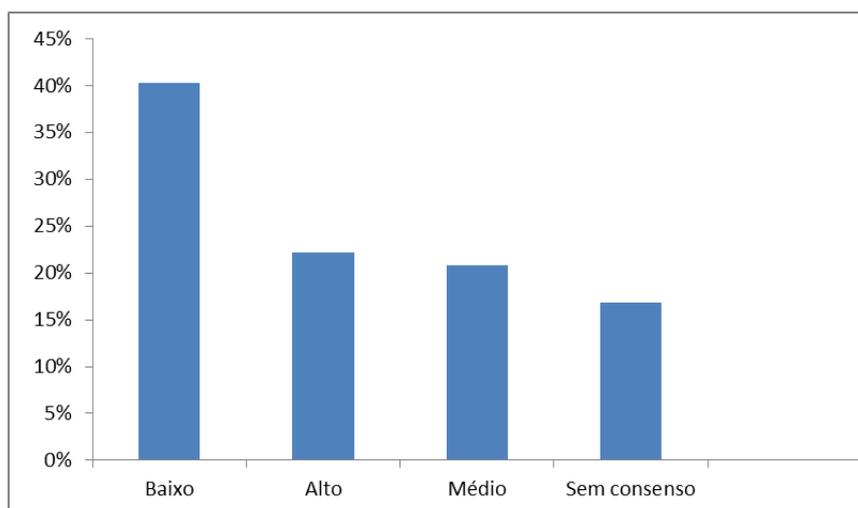


Figura 2. Histograma mostrando a distribuição em classes de consenso dos nomes dados às 137 espécies botânicas em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

Legenda: Baixo ($>0\% \leq 33,33\%$), Médio ($>33,33\% \leq 66,66\%$), Alto ($>66,66\%$), Sem consenso (0%).

Na classificação das árvores e palmeiras, foi possível identificar três dos seis *ranks* etnobiológicos mutuamente exclusivos de Berlin (1992): o intermediário, o genérico e o específico. Foram citados 100 nomes de consenso, quase todos correspondendo à categoria genérica. Desses, 84 são monotípicos e não incluem outros de taxas inferiores e 16 são politípicos.

Muitas palmeiras foram chamadas pelo nome genérico (palha ou palheira). Os nomes intermediários identificados foram “pau” e “madeira”, em referência ao que a taxonomia científica chama de árvores.

Os nomes genéricos envira e envireira referem-se a 11 espécies biológicas pertencentes a quatro famílias diferentes. Entre as Annonaceae analisadas, a espécie mais chamada como envira e envireira foi (*Guatteria megalophylla* Diels), com consenso de resposta de 62,5% entre os informantes (Figura 3). A mesma espécie foi chamada também de envira-preta, apresentando um consenso de 25%. A espécie (*Duguetia latifolia* R.E.Fr.) foi chamada de envira e envireira, envira-preta e envira-taia, com consenso de 41,7%, 8,3% e 8,3%, respectivamente, entre os informantes. A espécie (*Guatteria olivacea* R.E.Fr.) foi chamada de envira e envireira, de envira-de-porco, envira-taia, envira-fofa e envira-de-caçador, com consenso de 20,5%, 15,38%, 7,69%, 15,38% e 5,12%, respectivamente, entre os informantes.

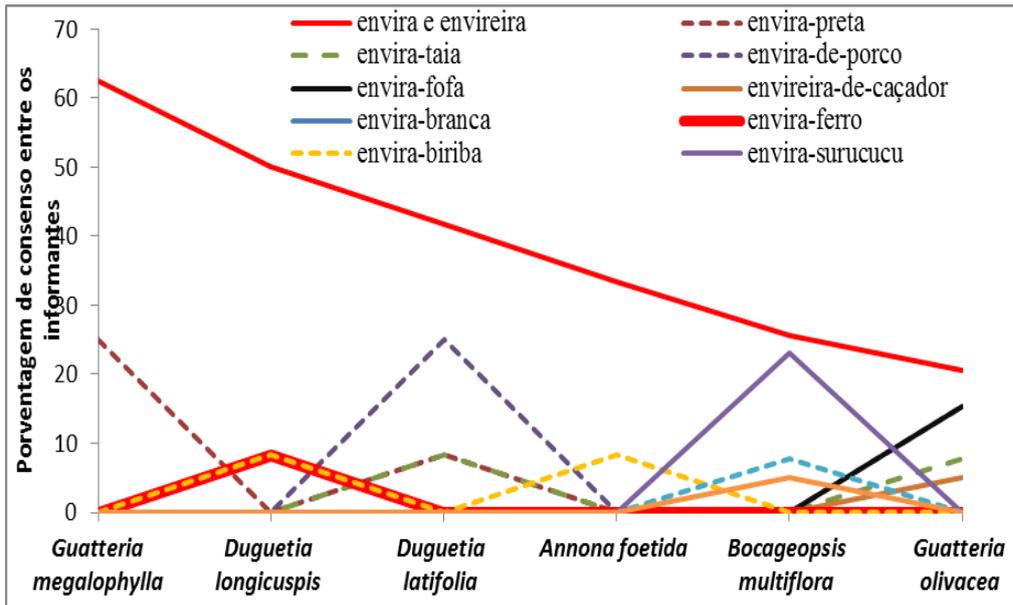


Figura 3. Espécies arbóreas da família Annonaceae denominadas como envira, em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

Entre as Lauraceae analisadas, o protótipo do táxon genérico chamado “louro” aparenta ser a espécie (*Endlicheria anomala* (Nees) Mez) (Figura 4). Essa espécie foi muito chamada também pelo específico louro-preto, por apresentar um ritidoma escuro. Outros dois nomes chamados pelo específico foram louro-abacaterana e louro-namuí, em referência a (*Aniba affinis* (Meisn.) Mez) e a (*Ocotea aciphylla* (Nees & Mart.) Mez.), respectivamente.

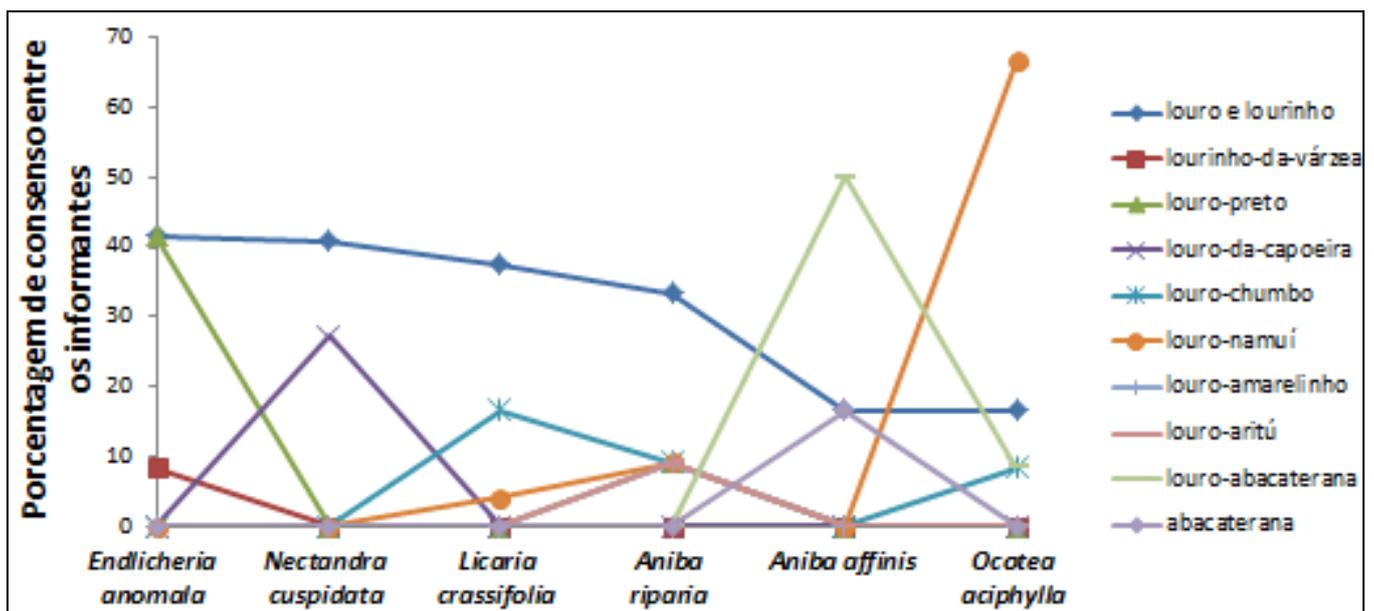


Figura 4. Espécies arbóreas da família Lauraceae denominadas pelo táxon genérico louro, em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

Cada informante foi indagado se conhecia o vegetal/planta em questão. (*Ferdinandusa lanceolata* K. Schum. – Rubiaceae), (*Tapura guianensis* Aubl. – Dichapetalaceae) e (*Poecilanthe amazonica* (Ducke) Ducke – Fabaceae) foram as espécies que apresentaram 100% de respostas “não conheço”. Do total de espécies botânicas, 23 não apresentaram nenhum nome de consenso (Tabela 3).

As espécies (*Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire *et al.* – Araliaceae) e (*Croton matourensis* Aubl. – Euphorbiaceae), apesar de serem reconhecidas por quase metade dos informantes, não obtiveram nome de consenso. A primeira espécie foi chamada de marizeiro, torém, pau, embaúba-da-terra-firme, paracaxi e morototó, enquanto que a segunda foi chamada de dima, tintarana, ripeira, envira-vassourinha, orelha-de-cachorro, taxi e pau-doido.

Tabela 3. Espécies botânicas de igapó e terra-firme sem nome de consenso registrado e porcentagem de desconhecimento em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

Espécie	Família	Desconhecimento (%)	Ambiente	Comunidade
<i>Tapura guianensis</i> Aubl.	Dichapetalaceae	100,00%	Igapó	Gaspar
<i>Poecilanthe amazonica</i> (Ducke) Ducke.	Fabaceae	100,00%	Igapó	Gaspar
<i>Ferdinandusa lanceolata</i> K.Schum.	Rubiaceae	100,00%	Igapó	Xixuaú
<i>Guarea pubescens</i> (Rich.) A.Juss.	Meliaceae	93,33%	Igapó	Gaspar
<i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng.	Fabaceae	91,66%	Igapó	Gaspar
<i>Glandonia macrocarpa</i> Griseb.	Malpighiaceae	91,66%	Igapó	Gaspar
<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	Elaeocarpaceae	84,61%	Terra-firme	Xixuaú
<i>Virola obovata</i> Ducke	Myristicaceae	83,33%	Igapó	Gaspar
<i>Pouteria cuspidata</i> (A.DC.) Baehni	Sapotaceae	83,33%	Igapó	Gaspar
<i>Casearia commersoniana</i> Cambess	Salicaceae	83,33%	Igapó	Gaspar
<i>Swartzia anomala</i> R.S.Cowan	Fabaceae	83,33%	Igapó	Gaspar

<i>Matayba arborescens</i> (Aubl.) Radlk.	Sapindaceae	83,33%	Igapó	Xixuaú
<i>Chaunochiton loranthoides</i> Benth.	Olacaceae	83,33%	Igapó	Xixuaú
<i>Guarea silvatica</i> C.DC.	Meliaceae	81,81%	Terra-firme	Itaquera
<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	Violaceae	81,81%	Terra-firme	Itaquera
<i>Siparuna decipiens</i> (Tul.) A.DC.	Siparunaceae	81,81%	Terra-firme	Itaquera
<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	Violaceae	76,92%	Terra-firme	Xixuaú
<i>Macrobium acaciifolium</i> (Benth.) Benth	Fabaceae	75,00%	Igapó	Xixuaú
<i>Ilex divaricata</i> Mart. ex Reissek	Aquifoliaceae	75,00%	Igapó	Xixuaú
<i>Amanoa oblongifolia</i> Müll.Arg.	Phyllanthaceae	75,00%	Igapó	Xixuaú
<i>Acmanthera latifolia</i> (A. Juss.) Griseb.	Malpighiaceae	66,66%	Igapó	Gaspar
<i>Guarea pubescens</i> (Rich.) A.Juss.	Meliaceae	66,66%	Igapó	Xixuaú
<i>Lindackeria paludosa</i> (Benth.) Gilg	Achariaceae	63,63%	Terra-firme	Itaquera
<i>Clitoria amazonum</i> Mart. ex Benth.	Fabaceae	58,33%	Igapó	Gaspar
<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire et al.	Araliaceae	53,84%	Terra-firme	Xixuaú
<i>Cordia fallax</i> I.M.Johnst.	Boraginaceae	53,54%	Terra-firme	Xixuaú
<i>Croton matourensis</i> Aubl.	Euphorbiaceae	46,15%	Terra-firme	Xixuaú

Periquito, jaboti, pato, cabeçudo, porco, cobra-surucucu, anta, cachorro, tartaruga e taxi foram os nomes dos animais utilizados em referência às espécies botânicas marcadas nas trilhas (Tabela 4).

Tabela 4. Espécies botânicas que apresentaram nomes de consenso relacionados a animais em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, divisa de Roraima com o Amazonas

Nome relacionado ao animal	Espécie	Família
periquiteira	<i>Buchenavia ochroprumna</i> Eichler	Combretaceae
araçá-remela-de-jaboti	<i>Eugenia patrisii</i> Vahl	Myrtaceae
bico-de-pato	<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre	Sapotaceae

cabeçudinho, cabeçudo	<i>Pouteria elegans</i> (A.DC.) Baehni	Sapotaceae
envira-de-porco	<i>Guatteria olivacea</i> R.E.Fr.	Annonaceae
envira-surucucu	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R.E.Fr.	Annonaceae
goiaba-de-anta	<i>Bellucia dichotoma</i> Cogn.	Melastomataceae
goiaba-de-anta	<i>Aparisthmium cordatum</i> (A.Juss.) Baill.	Euphorbiaceae
orelhade-cachorro	<i>Crudia amazonica</i> Spruce ex Benth.	Fabaceae
puleiro-de-pato, bico-de-pato	<i>Abarema jupunba</i> (Willd.) Britton & Killip	Fabaceae
tartaruginha	<i>Mollia speciosa</i> Mart. & Zucc.	Meliaceae
taxi, taxizeiro	<i>Tachigali glauca</i> Tul.	Fabaceae

Graus etnobotânicos de competência dos informantes e das espécies

O grau etnobotânico de competência dos 44 informantes variou de 5% a 96% (Figuras 5 e 6). Informantes mais velhos, com longos períodos de residência na região, tiveram competências mais altas.

Em todas as trilhas, os homens tiveram competências mais elevadas do que as mulheres, com exceção da trilha realizada na comunidade Gaspar, que apresentou uma mulher com grau de competência igual ao de dois homens.

Houve alta competência de informantes do sexo masculino com idade entre 20 e 30 anos.

O grau etnobotânico de competência dos informantes, confrontado com a idade deles, não se mostrou significativo: $p=0,07$ e $R^2=0,05$ (Figura 5). Já o grau etnobotânico de competência dos informantes, confrontado com o tempo de residência deles na região, se mostrou significativo: $p=0,007$ e $R^2=0,12$ (Figura 6).

Na regressão múltipla, o tempo de residência na região foi significativo para explicar os resultados $p=0,07$, enquanto a idade não foi significativa para explicar os resultados $p=0,80$.

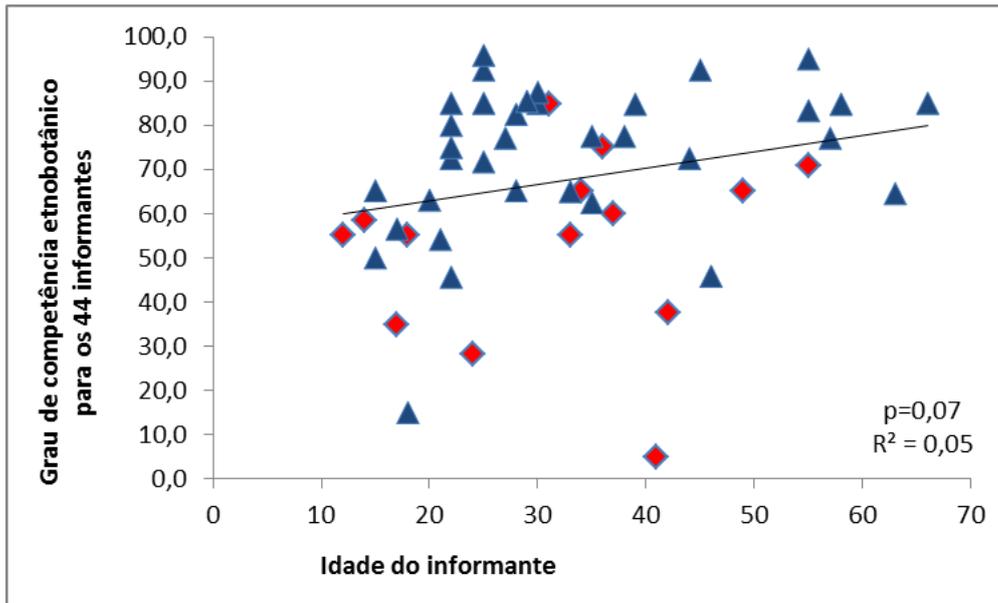


Figura 5. Grau etnobotânico de competência de 44 informantes, pela idade do informante

Nota: Os losângulos em vermelho representam as mulheres, e os triângulos em azul, os homens.

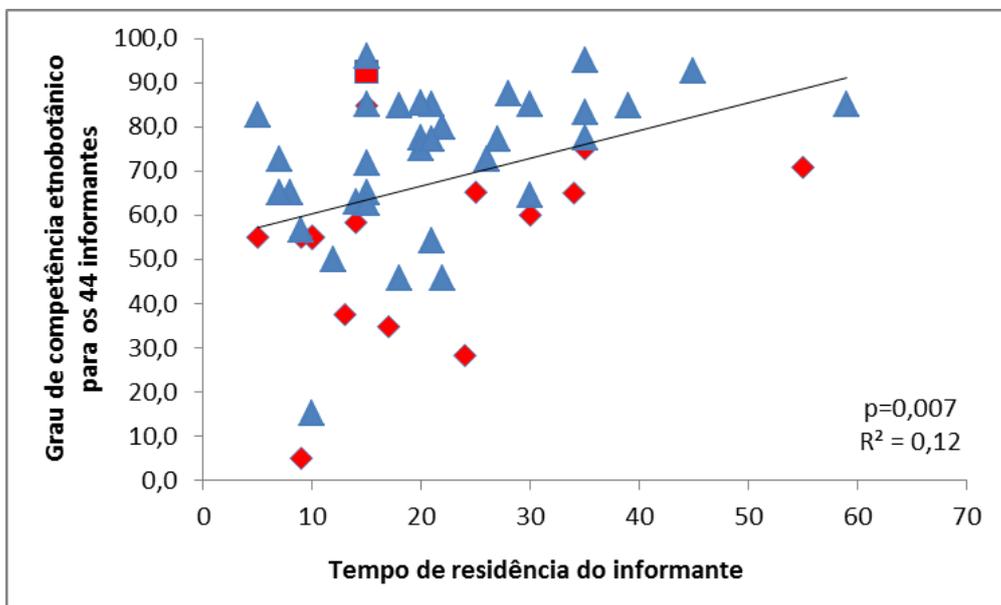


Figura 6. Grau etnobotânico de competência de 44 informantes, pelo tempo de residência na região do rio Jauaperi

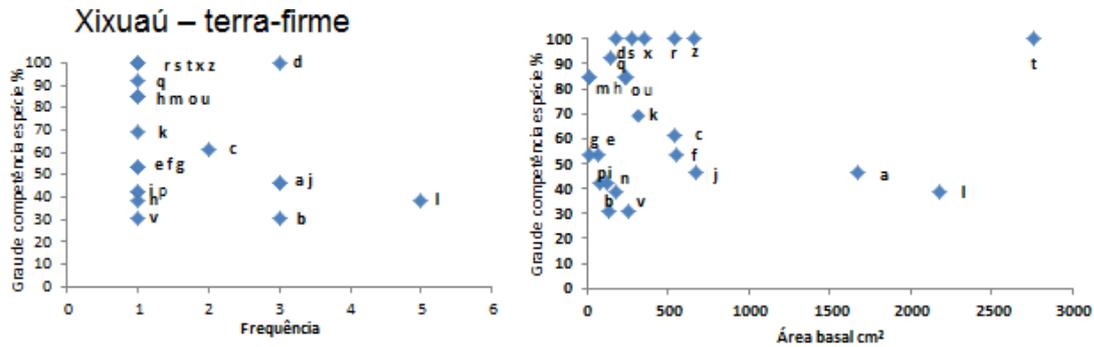
Nota: Os losângulos em vermelho representam as mulheres, e os triângulos em azul, os homens.

O grau de competência das espécies variou de 16% a 100% (Figuras 7 e 8). Das espécies que apresentaram consenso para, pelo menos, quatro informantes, o aritú (*Licaria guianensis* Aubl. – Lauraceae) foi a que apresentou menor competência (16,6%), quando somadas as respostas dos informantes para a espécie.

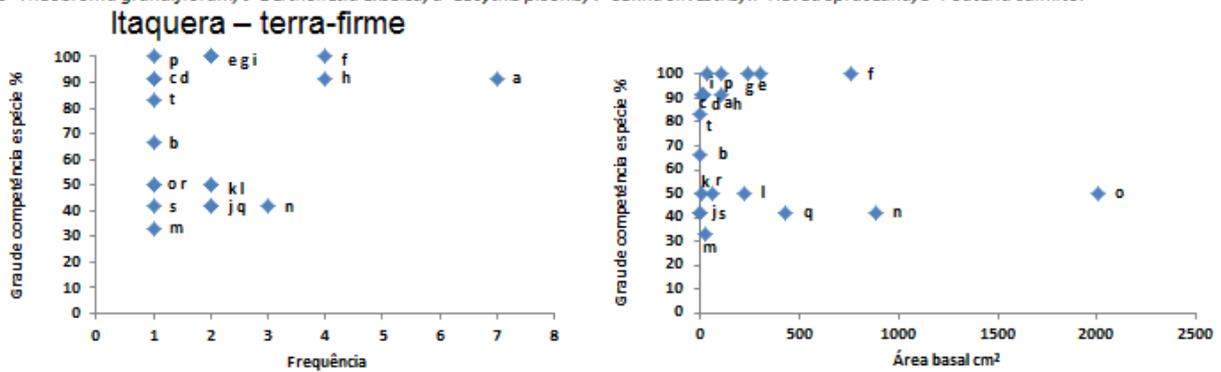
A competência a respeito das espécies muito comuns nos quintais das casas foi alta. Açai (*Euterpe precatoria* Mart. – Arecaceae), tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey. – Arecaceae), jauarí (*Astrocaryum jauari* Mart. – Arecaceae), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schum. – Malvaceae), castanha (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae), seringa (*Hevea spruceana* (Benth.) Müll. Arg. – Euphorbiaceae), abiu (*Pouteria caimito* (Ruiz & Pav.) Radlk. – Sapotaceae), ingá (*Inga macrophylla* Kunth ex Willd. – Fabaceae), embaúba (*Cecropia sciadophylla* Mart. – Urticaceae) e embaúba (*Cecropia distachya* Huber – Urticaceae) atingiram 100% de competência.

Espécies muito frequentes, e.g., lacre (*Vismia cayennensis* (Jacq.) Pers. – Clusiaceae), taquarí (*Mabea nitida* Spruce ex Benth. – Euphorbiaceae), piriquiteira (*Buchenavia ochroprumna* Eichler – Combretaceae) e envira (*Guatteria megalophylla* Diels – Annonaceae) tiveram competências altas: 91,6%, 83,3%, 87,5% e 75%, respectivamente. Entretanto, outras espécies frequentes nas trilhas não obtiveram competências elevadas, e.g., paracaxí (*Pentaclethra maculoba* (Willd.) Kuntze – Fabaceae) e paracanaúba (*Aspidosperma excelsum* Benth. – Apocynaceae), com 38,46% e 25%, respectivamente.

Espécies com área basal elevada tiveram competências altas, como é o caso do arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) e da castanha (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae), com competências de 83,3% e 100%, respectivamente. Entretanto, outras espécies com área basal elevada tiveram competências médias, como é o caso do tauarí (*Couratari tenuicarpa* A. C. Sm. – Lecythidaceae), da guariúba (*Clarisia racemosa* Ruiz & Pav. – Moraceae) e do paracaxí (*Pentaclethra maculoba* (Willd.) Kuntze – Fabaceae), com competências de 50%, 50% e 38%, respectivamente.



a=*Alchornea triplinervia*, b=*Myrcia splendens*, c=*Oenocarpus bacaba*, d=*Euterpe precatoria*, e=*Eugenia patrisii*, f=*Dialium guianense*, g=*Abuta grandifolia*, h=*Cecropia distachya*, i=*Casearia javitensis*, j=*Attalea maripa*, k=*Vismia cayennensis*, l=*Pentaclethra macroloba*, m=*Socratea exorrhiza*, n=*Licaria guianensis*, o=*Myrciaria floribunda*, p=*Eschweilera rhododendrifolia*, q=*Inga thibaudiana*, r=*Astrocaryum aculeatum*, s=*Theobroma grandiflorum*, t=*Bertholletia excelsa*, u=*Lecythis pisonis*, v=*Senna silvestris*, x=*Hevea spruceana*, z=*Pouteria caimito*.



a=*Vismia cayennensis*, b=*Abuta grandifolia*, c=*Miconia sp.*, d=*Inga disticha*, e=*Inga macrophylla*, f=*Astrocaryum aculeatum*, g=*Cecropia sciadophylla*, h=*Bellucia dichotoma*, i=*Cecropia distachya*, j=*Astrocaryum gynacanthum*, k=*Bactris maraja*, l=*Jacaranda copaia*, m=*Casearia decandra*, n=*Bocageopsis multiflora*, o=*Clarisia racemosa*, p=*Euterpe precatoria*, q=*Inga alba*, r=*Aniba riparia*, s=*Geonoma deversa*, t=*Socratea exorrhiza*.

Figura 7. Grau de competência etnobotânica das espécies (%) versus sua frequência e área basal, em duas trilhas em terra-firme, nas comunidades Xixuaú e Itaquera, na divisa de Roraima com o Amazonas

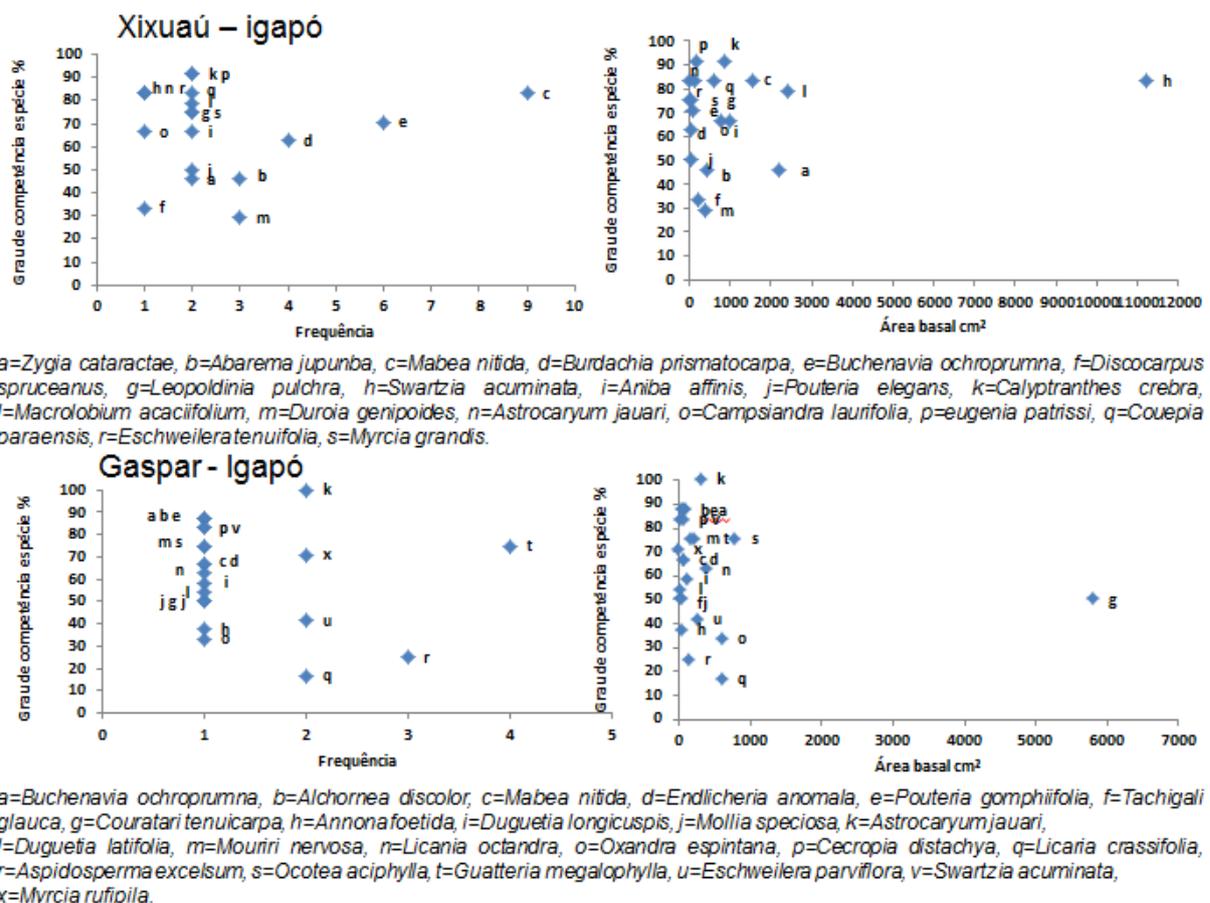


Figura 8. Grau de competência etnobotânica das espécies (%) versus sua frequência e área basal, em duas trilhas em igapó, nas comunidades Xixuaú e Gaspar, na divisa de Roraima com o Amazonas

Usos e partes utilizadas

Nas quatro trilhas marcadas, 94% das famílias (37 de 39) e 92% das espécies (127 das 137) foram citadas como úteis pelos ribeirinhos das três comunidades. Excluída a categoria combustível, 92% das famílias (36) e 89% das espécies (122) são citadas como úteis.

Foi registrado um total de 1.911 eventos e uma média de 3,48 usos por espécie. Ao serem excluídas as espécies que não apresentaram nenhum uso relatado, a média de usos por espécie sobe para 3,73. Um total de 123 usos (Tabela 5 e 6) foi registrado, distribuídos da seguinte maneira: tecnologia, que apresenta o maior número de usos (33,3%), divididos em tecnologia de artesanato (11,9%), tecnologia de caça e pesca

(8,0%), outras tecnologias (7,1%) e tecnologia de transporte (6,3%), seguida por alimento (20,0%), construção (18,5%), combustível (13,0%), outros (9,8%) e medicina (5,5%).

Tabela 5. Usos de árvores e palmeiras por moradores de três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

Categoria	Usos
Alimento	<p>água da raiz para beber</p> <p>castanha para fazer mingau, leite e cocada</p> <p>tapuru⁵ do fruto comer</p> <p>fruto para comer</p> <p>fruto para fazer vinho</p> <p>palmito para comer</p> <p>polpa para extrair óleo</p> <p>polpa para fazer suco, sorvete, doce</p> <p>semente para fazer “cacau” (chocolate)</p>
Construção	<p>estipe para tecer palha</p> <p>folha para cobrir tapiri</p> <p>folha para fazer rabo de jacu⁶</p> <p>madeira para assoalhar casa</p> <p>madeira para caibro de casa</p> <p>madeira para capote⁷ de casa</p> <p>madeira para cerca</p> <p>madeira para esteio ou mourão de casa</p> <p>madeira para fazer boia de balsa e flutuante</p> <p>madeira para fazer espeto⁸ para degrau</p> <p>madeira para fazer porta</p> <p>madeira para fazer tábua de azimbre⁹</p> <p>madeira para madeirame¹⁰ de casa</p> <p>madeira para parede de casa</p> <p>madeira para poste</p>
Combustível	folha para cobrir a caieira ¹¹

⁵ Larva de besouro.

⁶ Abrigo provisório.

⁷ Aresta horizontal delimitada pelo encontro entre duas águas, geralmente localizada na parte mais alta do telhado.

⁸ Madeira que recebe a tábua do degrau.

⁹ Armação de madeira ou metal, que serve de molde durante a construção de alvenaria.

¹⁰ Madeira que constitui a armação de uma casa.

¹¹ Buraco escavado no solo, que recebe a madeira a ser queimada para a produção de carvão. Funciona como um forno rústico; quando a madeira está em brasa o buraco é coberto por terra e folhas.

caule na fogueira para estalar
lenha
madeira para fazer carvão

Medicina

casca contra cólica
casca contra malária
casca para banho de asseio
casca para diarreia
casca para dor de barriga
casca para dor de dentes
casca para febre
casca para ferida ou “cissura”¹²
casca para ferrada de arraia
casca para inchaço
casca para inflamação
casca para limpar o estômago
casca para vermes
casca para xarope
cera da fruta para golpe¹³
chá das folhas para acalmar
entrecasca para “impíngia”¹⁴
folha para coruba, micose
folha para inchaço
folha para mordida de cobra
folha para panema
leite para mordida de cobra
leite para tirar oura¹⁵
leite para tirar tumor
palmito para ferrada de arraia
raiz para anemia
raiz para malária
resina para coceira, micose, “impíngia” e “pano branco”
resina para ferida
resina para tirar verruga

Tecnologia/

artesanato casca para dar brilho em artesanato

¹² Termo local utilizado para cortes ou fissuras na pele.

¹³ Termo local utilizado para cortes na pele.

¹⁴ Termo local utilizado para dar nome às afecções na pele.

¹⁵ Termo local utilizado para dar nome às larvas de algumas espécies de moscas que se desenvolvem na pele humana ou de animais.

ouriço para fazer cinzeiro
olho do palmito para fazer abano
madeira para fazer beirada de paneiro¹⁶
folha para fazer leque
madeira para fazer artesanato
folha para fazer paneiro
envira para fazer paneiro
semente para fazer anel
semente para fazer cordão
casca para tingir cipó
(amarelo, castanho-escuro, laranja, rosa-claro, roxo, verde, vermelho, vinho, rosa)
fruto para tingir cipó (roxo)
fruto para fazer artesanato

Tecnologia caça

e pesca

casca para fazer um anzol de corrico¹⁷
casca para tingir malhadeira (vermelho, preto, roxo, amarelo)
estipe para fazer arco
estipe para fazer flecha
folha para fazer flecha
fruto para balar passarinho
fruto para colocar no anzol
madeira para boia de malhadeira
madeira para fazer arco
madeira para fazer cabo de zagaia
madeira para fazer caniço
palmito para colocar no anzol

Outras

tecnologias

casca para fazer fogareiro
casca para tingir tecido
castanha para fazer sabão
envira para amarrar coisas
estipe para cabo de peneira
leite para fazer bola, bolsa, baladeira, pneu
madeira para cabo de enxada
madeira para cabo de faca
madeira para cabo de foice

¹⁶ Cesto.

¹⁷ Modalidade de pesca esportiva utilizada na captura de peixes carnívoros, que se sentem atraídos pelo objeto em movimento. Localmente, este termo também é utilizado para a isca artificial empregada na pescaria.

madeira para cabo de machado
madeira para fazer calçado, tamanco
madeira para fazer móvel
madeira para fazer moquém¹⁸
madeira para fazer violão
raiz para fazer ralador de castanha

Tecnologia

de transporte

casca para fazer estopa para calafetar canoa
caule para fazer a bucha¹⁹ do rabo da rabeta²⁰
entrecasca para calafetar canoa
madeira para construção de batelão²¹ e canoa
madeira para fazer quilha
madeira para fazer remo
resina para calafetar canoa
sapopema para fazer remo

Outros

carvão para fazer pólvora
casca para engrossar leite da seringa
casca para fazer “papilinho”²² para enrolar cigarro
alimento para fauna
cuia para beber água
estipe para retirar cartucho da espingarda
folha para brincar
folha para usar como paleta de violão
fruto para brincar
fruto para ceva de porco-do-mato
madeira para espetinho de assar carne
madeira para fazer varal
madeira para fazer cambito²³
madeira para fazer pau de sebo
madeira para mastro de festa
minhocas que se escondem nas sapopemas quando o rio sobe (isca para pesca)
resina para fazer incenso

¹⁸ Grelha de varas em que se põe carne ou peixe para assar.

¹⁹ Parte mecânica do motor de popa.

²⁰ Um tipo de motor de popa de baixa velocidade.

²¹ Tipo de embarcação usada no transporte e na pescaria.

²² Termo local para papelzinho.

²³ Gancho feito com pedaço de galho de árvore, utilizado para juntar matéria orgânica vegetal no solo.

No ambiente de terra-firme, o número médio de usos por espécie foi de 3,95 e o UVs médio foi de 0,77. A espécie com maior número de usos foi a seringa (*Hevea spruceana* (Benth.) Müll.Arg. – Euphorbiaceae), com 10 usos, seguida por castanha (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae), bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart. – Arecaceae), envira (*Guatteria megalophylla* Diels – Annonaceae) e jutaí (*Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith – Fabaceae), todas com oito usos (Figura 9).

A espécie com maior UVs da terra-firme foi o açaí (*Euterpe precatoria* Mart. – Arecaceae) (2,63), na comunidade Itaquera, seguida pela castanha (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae) (2,07), pelo açaí (*Euterpe precatoria* Mart. – Arecaceae) (2,07) e pela bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart. – Arecaceae) (2,0), na comunidade Xixuaú.

No ambiente de igapó, o número médio de usos por espécie foi de 3,01 e o UVs médio foi de 0,60. A espécie com maior número de usos foi o arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae), com oito usos, seguida por louro-abacaterana (*Aniba affinis* (Meisn.) Mez – Lauraceae)’, jauarí (*Astrocaryum jauari* Mart. – Arecaceae), araçá (*Calyptanthes crebra* McVaugh – Myrtaceae), araparí (*Macrolobium acaciifolium* (Benth.) Benth. – Fabaceae) e envira (*Duguetia longicuspis* Benth. – Annonaceae), todas com seis usos (Figura 10).

A espécie com maior UVs no igapó foi o louro-namuí (*Ocotea aciphylla* (Nees & Mart.) Mez – Lauraceae) (1,91) marcada na comunidade Xixuaú, seguida de jauarí (*Astrocaryum jauari* Mart. – Arecaceae) (1,75), marcada na comunidade Gaspar; arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) (1,63); na comunidade xixuaú; e louro-abacaterana (*Aniba affinis* (Meisn.) Mez – Lauraceae), na comunidade Xixuaú (1,63).

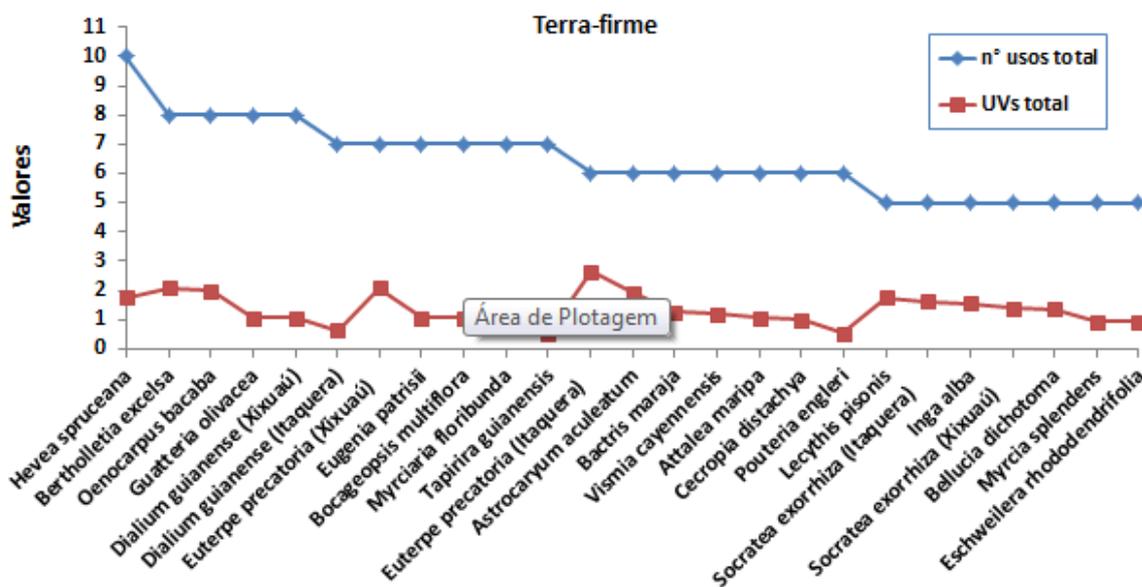


Figura 9. As 22 espécies mais usadas da terra-firme, com seus respectivos valores de uso (UVs), em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

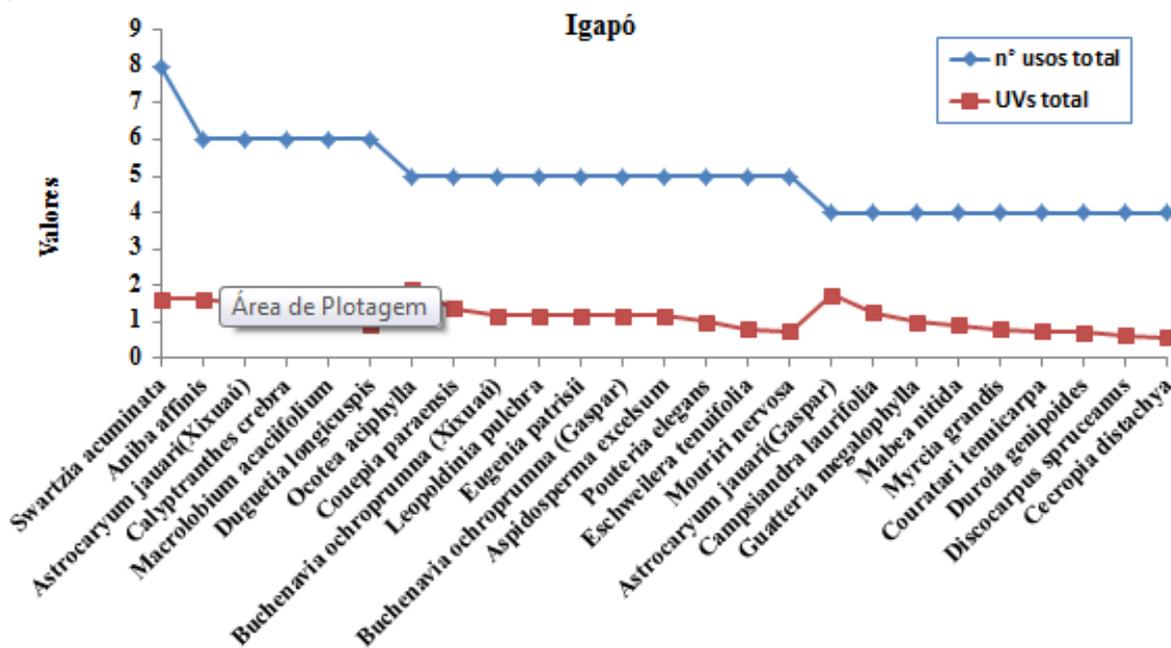


Figura 10. As 23 espécies mais usadas do igapó, com seus respectivos valores de uso (UVs), em três comunidades ribeirinhas no rio Jauaperi, na divisa de Roraima com o Amazonas

A madeira é o recurso mais utilizado, envolvendo 36,89% dos usos citados. Esse recurso é citado em todas as categorias de uso, exceto alimento, seguido de fruto (31,7%),

semente (6,3%), casca (4,8%), folha (3,8%), envira (3,6%), estipe (3,3%), resina (1,8%), castanha (1,6%), leite (1,2%), palmito (1,0%), entrecasca (1,0%), sapopema (1,0%), ouriço (0,8%), caule (0,7%), raiz (0,6%) e flor (0,07%).

A categoria *construção* apresenta 60,0% das espécies úteis, seguida por *combustível* (50,4%), *outros* (50,4%), *tecnologia de caça e pesca* (35,4%), *tecnologia de artesanato* (33,1%), *alimento* (30,0%), *outras tecnologias* (28,3%), *tecnologia de transporte* (24,4%) e *medicina* (19,7%).

As famílias com maiores valores de uso foram *Arecaceae* (1,4), *Lecythidaceae* (1,2), *Combretaceae* (1,1) e *Lauraceae* (1,0). A família *Arecaceae* apresentou 11 espécies úteis; *Lauraceae*, sete; *Lecythidaceae*; seis, *Combretaceae*, apenas uma espécie.

Discussão

Os ribeirinhos das comunidades estudadas apresentam conhecimento detalhado sobre paisagens e espécies de árvores e palmeiras. Os dados apresentados aqui estão limitados à subjetividade envolvida nas diferentes etapas do trabalho, e.g., a conduta do pesquisador nas entrevistas e a identificação botânica das coletas. Os resultados apresentados, baseados nas respostas de 44 informantes, nos mostram um pouco do conhecimento local sobre paisagens, árvores e palmeiras. Contudo, não refletem o conhecimento da cultura ribeirinha sobre árvores e palmeiras nas comunidades estudadas. A disponibilidade de um tempo maior para a realização do estudo permitiria ao pesquisador compreender muito mais a cultura local e sua relação com as árvores e as palmeiras.

Ao longo da pesquisa, foram registrados os nomes genéricos “palha” e “palheira” para as espécies da família botânica *Arecaceae*. “Pau” e “madeira” foram utilizados em referência ao que a taxonomia científica chama de árvores. Esses termos fazem parte do domínio cultural dos moradores das comunidades estudadas. Esse fato mostra que a pergunta norteadora mais adequada para o estudo seria: “O(A) senhor(a) conhece essa palheira?” e “O(A) senhor(a) conhece esse pau ou madeira?”

A classificação das árvores e palmeiras pelos ribeirinhos envolve aspectos relacionados aos sentidos humanos. Em uma caminhada na floresta, os ribeirinhos

nomeiam muitas plantas sem nem precisar chegar perto delas. O arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) é facilmente reconhecido por suas grandes sapopemas.

Já para nomear outras árvores sem características visuais marcantes é comum o uso de um terçado.²⁴ O ribeirinho corta o tronco da árvore, tira uma lasca da casca, cheira e diz: “Tem cheiro de pimenta”, em referência ao aritú (*Licaria guianensis* Aubl. – Lauraceae). Três espécies de árvores com o cheiro desagradável da folha foram chamadas pelo genérico capitú (*Alexa grandiflora* Ducke – Fabaceae), (*Casearia decandra* Jacq. – Salicaceae) e (*Helicostylis tomentosa* (Poepp. & Endl.) Rusby – Moraceae). “Kaá pitiú” pode ser entendido como “herva catinguenta”, entre as línguas indígenas faladas no Brasil (RODRIGUES, 1905). O termo “pitiú” é amplamente empregado pelas populações amazônicas para designar o mau cheiro proveniente do pescado.

O paladar é empregado para identificar a carapanaúba (*Aspidosperma excelsum* Benth. – Apocynaceae), que apresenta gosto bastante amargo. Quando os informantes não reconheciam imediatamente a espécie, o entrevistador lhes oferecida um pedaço da casca para passar na língua. O gosto amargo quase sempre remetia à lembrança da carapanaúba, que era amplamente empregada no combate à malária na região.

Os nomes também são dados em referência a alguma particularidade sonora. A espécie (*Heisteria barbata* Cuatrec – Olacaceae), por exemplo, foi chamada de “são-joão” em referência ao barulho de pequenas explosões decorrentes da queima de suas folhas verdes que lembra o barulho das fogueiras e dos fogos de artifício tão usados durante os festejos de São João no Brasil. A mesma espécie foi chamada também de “tapioca”, uma vez que durante o preparo da tapioca, a partir da fécula de mandioca, observam-se estalinhos, similares ao da queima das folhas.

Muitas vezes foram registradas variações do nome de maior consenso, porém claramente referente à mesma entidade biológica. O sufixo *-eiro* acompanha alguns substantivos nominais e quer dizer “fornecedor de”. Dessa maneira, o substantivo “castanha”, seguido desse sufixo, quer dizer “fornecedor de castanha”.

Na língua portuguesa, o sufixo *-inho* ou *-zinho* pode ser utilizado com referência a algo diminuto ou, então, traz uma conotação carinhosa ou, ainda, pejorativa (HOUAISS, 2001). O nome apuruizinho, utilizado em referência à espécie (*Duroia genipoides* Spruce ex K.Schum – Rubiaceae), deve-se ao fato de seu fruto ser “semelhante, porém menor do

²⁴ Faca grande.

que o fruto do apuruí”, uma árvore da mesma família botânica, cujos frutos são apreciados na forma de suco. O nome “tartaruginha”, utilizado para a espécie (*Mollia speciosa* Mart. & Zucc. – Meliaceae) é empregado devido ao seu fruto seco ser semelhante ao casco da tartaruga, que é utilizado pelos artesãos locais.

O sufixo *-açú* exprime ideia de grandeza, entre as línguas indígenas faladas no Brasil (RODRIGUES, 1905); neste estudo, faz referência aos grandes frutos do cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schum. – Malvaceae). O sufixo *-ão*, empregado no português como aumentativo, foi utilizado em referência à (*Pourouma minor* Benoist –Urticaceae) e à (*Pourouma velutina* Mart. ex Miq. – Urticaceae), ambas chamadas de embaubão.

O conteúdo semântico de *-rana*, segundo Houaiss (2001), é “semelhante a”, “igual a” e vem do Tupi. A espécie (*Tovomita acutiflora* M. S. de Barros & G. Mariz – Clusiaceae) foi chamada de paxiubarana, pois “a raiz dela imita a raiz da paxiubinha”. Ambas apresentam raízes adventícias (raízes-escoras) bem evidentes. Esse fato sugere que o nome popular para a espécie (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl. – Arecaceae) surgiu primeiro e só depois surgiu o nome paxiubarana. O mesmo vale para o nome uxirana. É de se supor que, primeiro, surgiu o nome uxi para a espécie (*Endopleura uchi* (Huber) Cuatrec. – Humiriaceae) presente na terra-firme e só depois surgiu o nome uxirana para a espécie (*Couepia paraensis* (Mart. & Zucc.) Benth. – Chrysobalanaceae), muito comum no igapó. Ambas as espécies apresentam frutos drupóides semelhantes, que caem da árvore e se acumulam no chão da floresta, sendo apreciados na alimentação, quando atingem coloração amarelada.

Os sufixos *-tinga* e *-piranga* foram utilizados pelos indígenas como adjetivos referentes às cores branca e vermelha, respectivamente (RODRIGUES, 1905). O prefixo *mira-*, que deriva de (*ybirá*, *mbyrá*, *myrá* e *muirá*), faz alusão à madeira (RODRIGUES, 1905). As quatro espécies chamadas de miratinga foram: (*Helicostylis tomentosa* (Poepp. & Endl.) Rusby – Moraceae), (*Brosimum guianense* (Aubl.) Huber – Moraceae), (*Perebea guianensis* Aubl. – Moraceae) e (*Sorocea guilleminiana* Gaudich. – Moraceae). O corte da casca, realizado durante a coleta botânica, revelou que a madeira (*Helicostylis tomentosa* (Poepp. & Endl.) Rusby – Moraceae) e (*Sorocea guilleminiana* Gaudich. – Moraceae) eram de fato brancas. A espécie (*Brosimum guianense* (Aubl.) Huber – Moraceae) apresentou a madeira amarelada, com grande quantidade de látex branco. A

espécie (*Perebea guianensis* Aubl. – Moraceae) apresentou madeira vermelha, quando a casca foi cortada.

O nome mirapiranga foi registrado apenas em referência à espécie (*Caraipa grandifolia* Mart. – Clusiaceae), que realmente apresentou madeira de coloração vermelha, quando a casca foi cortada.

O sufixo *-í* foi empregado em vários nomes de árvores e palmeiras. O sufixo *-y* é empregado como adjetivo para algo diminuto, pequeno, em várias línguas indígenas no Brasil (RODRIGUES, 1905).

A concepção de genérico é bastante antiga e representa o menor grupo nomeado por quase todos os habitantes de certa cultura, podendo ou não ser dividido em espécies (BARTLETT, 1940). Essa categoria é a mais numerosa em todas as taxonomias *folk* e são os primeiros taxons aprendidos pelas crianças (BERLIN, 1992). O emprego dos nomes “palha” e “palheira” para diferentes espécies botânicas pertencentes à família Arecaceae sugere o uso de um nome geral (“palha” ou “palheira”) para esse grupo de plantas. Este nome foi utilizado ocasionalmente em referência a bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.), inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart.), marajá (*Astrocaryum gynacanthum* Mart.), ubim (*Geonoma deversa* (Poit.) Kunth) e jará (*Leopoldinia pulchra* Mart.). Palheira e inajá foram os dois nomes de baixo consenso referidos à espécie (*Syagrus inajai* (Spruce) Becc.), ambos com 15,4% de consenso.

Ao longo de uma das trilhas utilizadas nas turnês guiadas em terra-firme, os 13 informantes foram questionados a respeito de dois indivíduos de (*Oenocarpus bacaba* Mart.). Um deles era um indivíduo adulto, com um cacho repleto de frutos, enquanto o outro era jovem, sem estipe evidente, crescendo no interior da mata. Para o primeiro indivíduo, houve 100% de consenso para bacaba, enquanto que para o indivíduo jovem houve apenas 61,5% de consenso, e o nome “palheira” foi dado por dois informantes. Dois indivíduos jovens de (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart. – Arecaceae) também foram chamados de palheira, enquanto o adulto não o foi. Este fato sugere que a idade do vegetal em questão tem influência no nome que recebe.

O registro de muitos nomes de baixo consenso tem a ver com o fato de algumas espécies apresentarem mais de um nome de consenso. A espécie (*Guatteria olivacea* R.E.Fr. – Annonaceae) foi chamada de envira-de-porco (15,4%), envireira (15,4%), envira-fofa (15,4%), envira-taia (7,7%), envireira-de-caçador (5,1%) e envira (5,1%). A espécie (*Aniba riparia* (Nees) Mez – Lauraceae) foi chamada de louro (18,18%), louro-

chumbo (9,1%), louro-amarelinho (9,1%), louro-preto (9,1%), louro-aritú (9,1%) e louro-mamuí (9,1%).

Algumas árvores receberam nomes relacionados aos animais da região, o que sugere que, primeiro, surgiu o nome para o animal e, posteriormente, foi emprestado o nome do animal para se elaborar o nome da árvore. A espécie nomeada como taxí (*Tachigali glauca* Tul. – Fabaceae) é frequentada por formigas chamadas taxí.

O conhecimento sobre as espécies variou muito entre os informantes. Os ambientes de mata de terra-firme e de igapó são ambientes mais frequentados por homens, o que explica o maior conhecimento destes sobre as árvores e as palmeiras.

O grau etnobotânico de competência foi elevado nos homens entre 20 e 30 anos de idade. Uma possível explicação para esse fato é que os homens, desde criança, trabalham por muitos dias no interior da mata em busca de castanha ou nos igarapés e igapós em busca de peixe e “bicho-de-casco”. Nesse tempo, eles convivem com pessoas mais velhas, que lhes transmitem muitos conhecimentos de forma oral.

A mulher que apresentou grau de competência igual ao dos homens é filha de um dos informantes masculinos, trabalha com artesanato, agricultura e acompanha o pai em várias atividades cotidianas. Outra mulher com competência alta para árvores e palmeiras da mata é uma mulher de 36 anos de idade, nascida e criada na região, que se dedicava à produção de farinha e ao extrativismo de produtos da mata.

A frequência de ocorrência de uma espécie ao longo de uma trilha e a área basal das espécies estão parcialmente relacionadas com o grau de competência dos informantes sobre as espécies. Seria necessário analisar de forma mais precisa essas variáveis, para saber qual delas está mais relacionada com o reconhecimento e os nomes dados pelos informantes.

A família Arecaceae apresentou o maior FUV de todas as famílias, comparável ao encontrado em quatro comunidades indígenas, uma de “*mestizos*” e uma de caboclos (PRANCE *et al.*, 1987; PHILLIPS; GENTRY, 1993a; ALARCON; PEIXOTO, 2008).

A compartimentalização dos conceitos locais de uso permite melhor entendimento da matriz multifuncional de relacionamentos dos informantes com sua flora útil, bem como a comparação com outros estudos. Entretanto, devemos ter em mente que se trata de construções artificiais para conveniência analítica (PHILLIPS; GENTRY 1993a).

Usos na construção – Os ribeirinhos quando estão na mata, para alguma de suas atividades de extrativismo ou caça, fazem abrigos temporários para se cobrirem ou cobrir os pertences que não podem molhar quando a chuva cai. O chamado “rabo de jacu” não consiste em nada mais do que um suporte de madeira que recebe folhas de palmeiras por cima, bastando para cobrir, e.g., um motoserra da chuva. Abrigos maiores são chamados de “tapiri” e servem para abrigar pessoas e seus pertences da chuva.

As casas de madeira são sempre suspensas do chão, para evitar que a água invada a casa na cheia do rio e a grande umidade da região. O telhado de algumas casas ainda é feito utilizando-se, preferencialmente, a ripa extraída da palmeira paxiúba (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H.Wendl. – Arecaceae), trançada com a palha do ubim (*Geonoma Willd.*).

Outras palmeiras, chamadas de jauarí (*Astrocaryum jauari* Mart. – Arecaceae), açai (*Euterpe precatoria* Mart. – Arecaceae) e bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart. – Arecaceae) também foram citadas devido ao estipe ser útil para fornecer a ripa. Os estipes são cortados longitudinalmente com a ajuda de um terçado.

Essa ripa também era utilizada como material para fazer assoalho e parede de casas. No entanto, não foi vista nenhuma casa com assoalho e parede de estipe de palmeira. Alguns informantes disseram que antigamente era feito dessa maneira, porque não havia como serrar as tábuas de madeira, mas que hoje em dia, com a facilidade de acesso a um motoserra, há a preferência por se fazer casas de madeiras mais duradouras.

A folha de oito espécies da família Arecaceae foi citada como útil para cobrir casas: tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G.Mey.), inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart.), marajá (*Bactris maraja* Mart.), açai (*Euterpe precatoria* Mart.), ubim (*Geonoma deversa* (Poit.) Kunth), jará (*Leopoldinia pulchra* Mart.), bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.) e palheira (*Syagrus inajai* (Spruce) Becc.).

A madeira de 68 espécies foi citada como útil nessa categoria de uso, com destaque para o louro-abacaterana (*Aniba affinis* (Meisn.) Mez – Lauraceae) e o louro-namuí (*Ocotea aciphylla* (Nees & Mart.) Mez – Lauraceae), que tiveram os maiores UVs nas comunidades Xixuaú (1,63) e Gaspar (1,91), respectivamente. A madeira dessas duas espécies foi muito citada para a construção de casas, embarcações e remos.

Usos na alimentação – Os ribeirinhos fazem uso dos frutos de 35 espécies em sua alimentação. Muitos frutos são consumidos ocasionalmente, ou seja, não há uma busca

por eles, mas, caso haja sua disponibilidade, são consumidos, especialmente pelas crianças. Muitas espécies da família botânica Myrtaceae e espécies como pitomba (*Abuta grandifolia* (Mart.) Sandwith – Menispermaceae) e jutaí (*Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith – Fabaceae) são bons exemplos desse tipo de consumo. Todas elas fornecem frutos pequenos e apreciados pelos moradores das comunidades.

As grandes raízes-escora da embaúba (*Cecropia distachya* Huber – Urticaceae) e (*Cecropia sciadophylla* Mart. – Urticaceae) foram citadas como fontes de água. Em árduos trabalhos nos roçados ou em extensas caminhadas na mata, essas espécies podem matar a sede dos ribeirinhos mais necessitados.

A semente do inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart. – Arecaceae) é bastante procurada pelo “tapuru” que habita seu interior.

Usos como combustível – Apesar de o fogão a gás estar presente na casa de muitos ribeirinhos, não é sempre que as botijas de gás estão disponíveis para compra e nem sempre eles possuem dinheiro para adquiri-las. É muito comum o uso de lenha ou carvão para preparar os alimentos. A madeira de 39 espécies foi citada como útil para lenha, porém existem espécies mais procuradas do que outras. A envira-surucucu (*Bocageopsis multiflora* (Mart.) R.E.Fr. – Annonaceae) é uma das mais procuradas para se queimar na torragem da farinha e, segundo diferentes informantes, “ela pega fogo até molhada”.

O carvão é produzido fazendo-se a “caieira”. Nesse processo, é aberto um buraco no solo para receber a madeira que será parcialmente incinerada. Depois da queima parcial da madeira, a brasa é coberta por terra e folhas de palmeiras até o dia seguinte, quando o carvão já pode ser recolhido. O vidreiro (*Burdachia prismatocarpa* Mart. ex A. Juss. – Malpighiaceae) foi citado por muitos informantes como muito bom para fazer carvão.

A embaúba (*Cecropia distachya* Huber – Urticaceae) e a (*Cecropia sciadophylla* Mart. – Urticaceae) foram citadas como úteis para se jogar na fogueira e ouvir os estalos bem altos que soam da queima de seus caules ocos. A queima das folhas do são-joão (*Heisteria barbata* Cuatrec. – Olacaceae) também produz estalos, semelhantes aos estalos dos fogos de artifícios ou do barulho do preparo da tapioca.

Usos na tecnologia de artesanato – Nesta categoria, foram citadas 42 espécies utilizadas para diferentes usos. Os artesanatos mais produzidos durante o período da pesquisa fazem

uso de espécies chamadas localmente de cipó-titica, pertencentes ao gênero (*Heteropsis* Kunth), tingidos por diferentes corantes naturais. Das espécies estudadas, o lacre (*Vismia cayennensis* – Clusiaceae), a envira (*Oxandra espinhana* (Spruce ex Benth.) Baill. – Annonaceae), o buxuxu (*Miconia* sp. – Melastomataceae), a ingá-xixica (*Inga alba* (Sw.) Willd. – Fabaceae), o açai (*Euterpe precatoria* Mart. – Arecaceae), a piriquiteira (*Buchenavia ochroprumna* Eichler – Combretaceae) e a goiaba-de-anta (*Bellucia dichotoma* Cogn. – Melastomataceae) tingem o cipó-titica de laranja, castanho, roxo, rosa, roxo, amarelo e vermelho, respectivamente. A casca da goiaba-de-anta (*Bellucia dichotoma* Cogn. – Melastomataceae) e do jutaí (*Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith – Fabaceae) também foram relatadas como úteis para dar brilho ao artesanato.

O cipó, uma vez tingido, é cuidadosamente trabalhado para dar forma a brinquedos em forma de animais, paneiros e outros utensílios. Além disso, são utilizadas madeiras, sementes e frutos, para produzir colares, brincos e pulseiras, entre outros adereços.

Usos na tecnologia de caça e pesca – A pesca de anzol é realizada com iscas que podem ser as mais variadas possíveis. Os frutos de 21 espécies foram citados como úteis para servir de isca. O fruto inteiro ou parte dele é colocado no anzol para atrair os peixes.

O palmito do tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey. – Arecaceae), do jauari (*Astrocaryum jauari* Mart. – Arecaceae) e o fruto do ingá (*Inga disticha* Benth. – Fabaceae) e (*Inga macrophylla* Kunth ex Willd. – Fabaceae) foram citados como úteis para pegar “bicho-de-casco”, usando o espinhel. Para usar o palmito, é necessário derrubar a palmeira e cortar o palmito em pequenos pedaços, que são iscados no anzol. No caso das ingás, a parte que é presa ao anzol é a polpa (arilo) que envolve a semente.

Na pesca com o uso da malhadeira, os ribeirinhos tingem a malha com corantes naturais, para que ela não seja vista pelos peixes. O araparí (*Macrolobium acaciifolium* (Benth.) Benth. – Fabaceae), a tintarana (*Elvasia calophyllea* DC. – Ochnaceae), a macacarecuia (*Eschweilera tenuifolia* (O. Berg) Miers – Lecythidaceae) e a piriquiteira (*Buchenavia ochroprumna* Eichler – Combretaceae) foram citadas como úteis para tingir malhadeira. Os ribeirinhos fazem uso da casca dessas árvores, a qual é retirada, cortada em pequenos pedaços e cozida em um latão com água. Posteriormente, a malhadeira é deixada de molho nessa água por 12 horas ou mais.

A madeira fofa do molongó (*Tabernaemontana undulata* Vahl – Apocynaceae) e da envira-de-porco (*Guatteria olivacea* R.E.Fr. – Annonaceae) foi citada como útil para fazer pequenas boias, que ficam presas à parte superior da malhadeira, para que esta fique mais aberta.

Muitas crianças brincam com baladeiras (= funda, seta, estilingue), para matar animais. Os frutos do marajá (*Astrocaryum gynacanthum* Mart. – Arecaceae) e (*Bactris maraja* Mart. – Arecaceae) e da abiuarana (*Lindackeria paludosa* (Benth.) Gilg – Achariaceae) foram citados como “munição” bastante boa para as baladeiras. Já a caça de mamíferos e aves grandes é feita com o uso de armas modernas, às vezes, com a ajuda de cães de caça.

Usos na tecnologia de transporte – O rio é o único meio pelo qual os moradores chegam às comunidades estudadas. Para fazer canoas, barcos e batelões, foram citadas 31 espécies úteis. Além da madeira utilizada na construção, foi citado o uso de resinas e de cascas de goiaba-de-anta (*Bellucia dichotoma* Cogn. – Melastomataceae), castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae), jutaí (*Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith), tintarana (*Elvasia calophyllea* DC. – Ochnaceae), seringueira (*Hevea spruceana* (Benth.) Müll. Arg. – Euphorbiaceae), coumati (*Myrcia splendens* (Sw.) DC – Myrtaceae) e breu (*Tapirira guianensis* Aubl. – Anacardiaceae), para a calafetagem das juntas de madeira, impedindo a entrada de água na embarcação.

O caule oco das embaúbas (*Cecropia distachya* Huber – Urticaceae) e (*Cecropia sciadophylla* Mart. – Urticaceae), bem como o da espécie (*Schefflera morototoni* (Aubl.) Maguire et al. – Araliaceae) foram citados como úteis para fazer a bucha do rabo do motor da rabeta.

A sapopema do arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) foi muito citada como útil para fazer remos, com o uso do terçado. Serras modernas podem cortar a madeira em tábuas, que são trabalhadas até ganhar a forma de remo. O aritú (*Licaria guianensis* Aubl. – Lauraceae), o louro-namuí (*Ocotea aciphylla* (Nees & Mart.) Mez – Lauraceae) e a tanimbuca (*Pouteria hispida* Eyma – Sapotaceae) foram citados como bons fornecedores de madeira para fazer remos.

Usos em outras tecnologias – Os usos citados nesta categoria, muitas vezes, estão relacionados aos outros usos que envolvem tecnologia. A envira de 17 espécies foi citada

como útil para amarrar muitas coisas diferentes, desde carne de animais mortos na mata até saco de castanha para ser carregado.

Para fazer cabo de ferramentas, foram citadas 14 espécies diferentes. As ferramentas citadas foram enxada, foice, machado e faca, além de zagaia, utilizada na pescaria.

A borracha da seringueira (*Hevea spruceana* (Benth.) Müll. Arg. – Euphorbiaceae) foi citada como tendo várias utilidades, e.g., bolas, bolsas, pneus e calçados. Apesar de esses usos terem sido citados, não foi vista a produção desses utensílios durante o período da pesquisa. Alguns informantes trabalharam em seringais e contaram que seus pais e avós faziam muitos utensílios do leite da seringa. A madeira da seringueira foi citada com útil para fazer violão e móveis.

A madeira do para-para (*Jacaranda copaia* (Aubl.) D. Don – Bignoniaceae), abiuarana (*Lindackeria paludosa* (Benth.) Gilg – Achariaceae), do coumati (*Myrcia splendens* (Sw.) DC. – Myrtaceae) e do mata-pasta (*Senna silvestris* (Vell.) H. S. Irwin & Barneby – Fabaceae) foi relatada como útil para preparar o moquém e assar carnes e peixes.

A casca do caraipé (*Licania octandra* (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze – Chrysobalanaceae) é adicionada ao barro para confeccionar o fogareiro que sustenta o carvão em brasa, usado para preparar alimentos.

A raiz adventícia (escora) da paxiúba (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl. – Arecaceae) apresenta acúleos, que são tirados para confeccionar um tipo de ralador de castanha; esse uso foi mencionado por apenas um senhor de idade e, durante o período de pesquisa, não foi visto esse uso entre os comunitários.

A casca da uchirana (*Couepia paraensis* (Mart. & Zucc.) Benth. – Chrysobalanaceae) foi citada como útil para tingir tecido de vermelho.

Usos na medicina – 25 espécies de árvores e palmeiras foram citadas como úteis na medicina tradicional local. A casca e a resina do lacre (*Vismia cayennensis* (Jacq.) Pers. – Clusiaceae), da cupiúba (*Goupia glabra* Aubl. – Goupiaceae) e da arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae), bem como as folhas de mata-pasta (*Senna silvestris* (Vell.) H. S. Irwin & Barneby – Fabaceae), foram citadas como úteis no tratamento das chamadas “coceiras”, “ipingias”, “corubas”, “micoses” e “pano branco”.

Apesar de, provavelmente, haver diferenças nesses conceitos de afecções de pele, o estudo não conseguiu investigar essas diferenças a fundo.

A casca de 14 espécies foi citada como útil. Em alguns casos, a parte usada é um misto da casca e da madeira mais próxima da casca, como é o caso da carapanaúba (*Aspidosperma excelsum* Benth. – Apocynaceae), utilizada no tratamento de malárias e febres. A casca da castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl. – Lecythidaceae) foi citada com útil no tratamento de inflamações, dor de barriga, malária, diarreia e inchaços. A casca da orelha-de-cachorro (*Crudia amazonica* Spruce ex Benth. – Fabaceae) e do araçá (*Myrciaria floribunda* (H.West ex Willd.) O.Berg – Myrtaceae) foram citadas para o tratamento de verminoses. A orelha-de-cachorro (*Crudia amazonica* Spruce ex Benth. – Fabaceae) e a espécie (*Guarea pubescens* (Rich.) A. Juss. – Meliaceae) são úteis para a limpeza de estômago (vomitório). A casca do arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) foi citada para dor de dente. A casca do poleiro-de-pato (*Abarema jupunba* (Willd.) Britton & Killip), da capurana (*Campsiandra laurifolia* Benth. – Fabaceae) e do fruto do arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) foram citados como úteis para cicatrizar feridas. Os informantes disseram passar a casca e a resina que sai do fruto por cima das feridas.

As folhas de orelha-de-cachorro (*Crudia amazonica* Spruce ex Benth. – Fabaceae) e o leite de seringueira (*Hevea spruceana* (Benth.) Müll. Arg. – Euphorbiaceae) foram citados para o tratamento contra mordida de cobras. *H. spruceana* também foi citada para retirar a chamada “oura” (miíase). O leite fresco colocado sobre o verme que se encontra alojado na pele força-o a sair da pele para respirar. Nesse momento, o leite já endurecido é retirado da pele carregando junto o verme.

A embaúba (*Cecropia distachya* Huber – Urticaceae) foi citada por apresentar uma resina que, aplicada sobre a pele, é útil para a retirada de verrugas.

Em muitas conversas com os informantes, foi citada a chamada “panema”, mas somente pelos informantes masculinos, pois um homem está “panema”, quando vai caçar ou pescar e não é bem-sucedido. A panema também foi atribuída ao homem cuja mulher está esperando filho. É provável que esse conceito de saúde esteja relacionado com aspectos da saúde mental que dificultam o êxito na caçada e na pescaria.

Um homem nesse estado pode tomar um banho de raiz adventícia (cortá-la antes que alcance o solo) da palmeira paxiúba (*Socratea exorrhiza* (Mart.) H. Wendl. – Arecaceae) ou então de suas folhas. Os informantes relataram maneiras diferentes de se

preparar o banho. Enquanto um deles relatou que era para tomar o banho em casa, outro disse que era para tomar o banho dentro da canoa.

Um cipó não identificado também foi citado como muito bom para “tirar panema”. Para isso, é necessário bater um pedaço de cipó até ele ficar com as fibras bem soltas, apertá-lo entre o bíceps e o antebraço até aguentar a dor e, depois, toma-se o banho. Foi relatado que fica uma irritação do local onde o cipó encosta na pele e a “panema passa rapidinho”.

Outros usos – Muitos usos diferentes foram agrupados nesta categoria, devido à dificuldade de enquadrá-los nas outras categorias. Isso não diminui o valor dos usos interessantes feitos pelos ribeirinhos, agrupados nessa categoria.

Foram citadas 50 espécies de árvores e palmeiras que fornecem flores, frutos e palmitos utilizados como alimento de animais da região. Os frutos do inajá (*Attalea maripa* (Aubl.) Mart. – Arecaceae), por exemplo, são muito apreciados pelo porco-domato, fazendo com que os caçadores visitem áreas com muitos indivíduos dessa espécie, para matar porcos.

Alguns informantes, ao serem indagados pelo uso das plantas, se lembraram de partes das plantas utilizadas para brincar de casinha, quando eram crianças. O fruto da orelha-de-cachorro (*Crudia amazonica* Spruce ex Benth. – Fabaceae) e as folhas da mata-pasta (*Senna silvestris* (Vell.) H. S. Irwin & Barneby – Fabaceae) foram citados como úteis para brincar. Foi citado o uso de “cambito” da madeira de (*Ferdinandusa lanceolata* K. Schum – Rubiaceae) e da canela-de-celho (*Rinorea racemosa* (Mart.) Kuntze – Violaceae), para puxar o mato em trabalhos de limpeza (roçagem).

A cuia proveniente do fruto da macacarecuia (*Eschweilera tenuifolia* (O. Berg) Miers – Lecythidaceae) foi citada como útil para beber água.

A casca do tauarí (*Couratari tenuicarpa* A. C. Sm. – Lecythidaceae) fornece o chamado “papilinho” (fibra parecida com papel fino) para enrolar tabaco e fumar.

A casca do ingá-xixica (*Inga alba* (Sw.) Willd. – Fabaceae) foi citada como útil para engrossar o leite da seringa. Um informante que trabalhava em seringais disse que a casca da árvore é raspada e jogada no leite, quando este demora para engrossar.

Em períodos de festa, é montado um mastro com a madeira reta do para-para (*Jacaranda copaia* (Aubl.) D. Don – Bignoniaceae). A madeira dessa mesma espécie é

utilizada para fazer a brincadeira do pau de sebo, na qual o participante que conseguir subir nele até o topo arranca o prêmio que lá se encontra amarrado.

A fino estipe do ubim (*Geonoma deversa* (Poit.) Kunth – Arecaceae) serve para retirar cartuchos de espingardas. O cartucho pode ficar preso na espingarda, então é empurrado pelo cano da espingarda até sair.

A folha do jará (*Leopoldinia pulchra* Mart. – Arecaceae) fornece um tipo de paleta que serve para tocar violão.

As sapopemas do arabá (*Swartzia acuminata* Willd. ex Vogel – Fabaceae) são procuradas pelas minhocas, que se escondem entre sua casca, quando o nível da água do rio sobe. As minhocas são utilizadas como isca para prender no anzol e ocupam algumas áreas do igapó, quando este seca devido à diminuição do nível de água dos rios. Meses depois, quando o rio sobe novamente, elas precisam sair desse ambiente alagado e, nessa fuga, algumas minhocas tentam escapar escalando as grandes sapopemas do arabá.

Conclusões

- As 26 zonas vegetacionais constituem as principais áreas do entorno das comunidades.
- Os 100 nomes de consenso dados às árvores e às palmeiras refletem o longo histórico de vida dos moradores na região.
- O tempo de residência dos informantes na região oferece melhor explicação sobre o grau etnobotânico do conhecimento dos informantes que a idade.
- A alta frequência de ocorrências de uma espécie ao longo da trilha e a elevada área basal das espécies estão parcialmente relacionadas com o grau de competência dos informantes sobre as espécies.
- A família Arecaceae apresentou o maior FUV de todas as famílias.

Agradecimentos

O autor agradece a todos os moradores das comunidades Gaspar, Xixuaú, Itaquera e Samaúma, em especial aos 44 informantes que se dispuseram gentilmente a participar da pesquisa. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo auxílio financeiro. À Idea Wild pelos equipamentos fotográficos. Ao Caique Celles pela versão final do mapa. À Juliana Lins pela ajuda organizacional.

Bibliografia citada

ABRAÃO, M. B.; NELSON, B. W.; YU, D. W.; SHEPARD, G. H. 2008. Ethnobotanical ground-truthing: Indigenous knowledge, floristic inventories and satellite imagery in the Upper Rio Negro, Brazil. *Journal of Biogeography*. 35(12): 2237-2248.

AGUIAR, M. O.; MENDONÇA, M. S. Terminologia Baniwa relacionada às palmeiras. *Acta Acta Botanica Brasilica*. [online], v. 25, n.2, p. 413-421, 2011.

ALARCÓN, J. G. S.; PEIXOTO, A. L. 2008. Use of Terra-firme Forest by Caicubi Caboclos, Middle Rio Negro, Amazonas, Brazil. A quantitative study. *Economic Botany*, 62(1): 60-73, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à etnobotânica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93 p.

ALEXIADES, M. N. *Selected guidelines for Ethnobotanical research: a field manual*. New York: New York Botanical Garden, 1996. 306 p.

AZEVEDO, O.; MARGOTTI, F. O sufixo *-rana* no português falado pelo caboclo amazonense. *Revista Alfa*, v. 56, n. 2, p. 611-621, 2012.

BALÉE, W.; MOORE, D. Language, culture and environment: Tupi-Guarani planta names over time. In: ROOSEVELT, A. (Ed.). *Amazonian indians from prehistory to the present*. Anthropological perspectives. Local: Editora, 1994. p. 363-380

BALÉE, W. A etnobotânica quantitativa dos índios Tembé (Rio Gurupi, Pará). *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 3, n. 1, p. 29-50, 1987.

BANDEIRA, A. *Jauapery*. Manaus-AM, 1922.

BARTLETT, H. H. The concept of the genus: I. History of the generic concept in botany. *Bulletin of the Torrey Botanical Club*, n. 67, p. 349-362, 1940.

BERLIN, B. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

BROWN, CECIL H. What explains folk plant and animal taxonomies? In: EMBER, CAROL R.; EMBER, MELVIN; PEREGRINE, PETER N. (Ed.). *New directions*. Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2003.

FRAXE, T. J. P. *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004. 373 p.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A. C.; MIGUEZ, S. F. O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. *Ciência e Cultura [online]*, v. 61, n. 3, p. 30-32, 2009. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/sciel>>. Acesso em: 6/9/2013].

HANAZAKI, N.; MAZZEO, R.; DUARTE, A. R.; SOUZA, V. C.; RODRIGUES, R. R. 2010. Ecologic salience and agreement on the identification of tree species from Brazilian Atlantic Forest. *Biota Neotrop*, 10(1): 077-084.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRACO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JERNIGAN, K. A. 2008. The importance of chemosensory clues in Aguaruna tree classification and identification. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*. 4:12.

MILLIKEN, W.; MILLER, R. P.; POLLARD, S. R.; WANDELLI, E. V. 1992. *Ethnobotany of the Waimiri-Atroari Indians of Brazil*. Printed & Bound in Great Britain by Whitstable Litho, Whitstable, Kent.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993a. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. *Economic Botany* 47(1): 15-32.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993b. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. *Economic Botany* 47(1): 33-43.

PHILLIPS, O. 1996. Some quantitative methods for analysing ethnobotanical knowledge. In: ALEXIADES, M. N. (Ed.). *Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual*. The New York Botanical Garden Press. p. 171-97.

PRANCE, G. T.; BALEÉ, W.; BOOM, B. M.; CARNEIRO, L. R. 1987. Quantitative Ethnobotany and the Case for Conservation in Amazônia. *Conservation Biology* 1(4):296-310.

PRANCE, G. T. 1995. Ethnobotany today and in the future. p. 60-67. In: SHULTES, R. E. & REIS, S. Von (Eds.). 1995. *Ethnobotany: evolution of a discipline*. New York, Chapman & Hall.

RODRIGUES, J. B. 1992. *A Botânica*. Nomenclatura indígena e seringueiras. Edição comemorativa do Sesquicentenário de João Barbosa Rodrigues. Patrocínio: Fundação Andorinha Púrpura. Apoio: Sociedade Amigos do Jardim Botânico Rio de Janeiro/Ibama Rio de Janeiro. [1905/1900, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional]. 87 p. e 95 p.

ROMNEY, A. K.; Weller, S. C.; BATCHELDER, W. H. 1986. Culture as consensus: a theory of culture and informant accuracy. *American Anthropologist*. 88(2):313-338.

SHEPARD, G. H.; YU D. W. LIZARRALDE, M.; ITALIANO, M. 2001. Rainforest habitat classification among the Matsigenka of the Peruvian Amazon. *Journal of Ethnobiology* 21:1-38.

SHEPARD, G. H. *Projeto de conservação e utilização sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (Probio)*. Local: Editora, 2006. p.

1 Anexos

2 *Tabela 1.* Nome de consenso, porcentagem de consenso e variação do nome de maior consenso das 137 espécies botânicas de árvores e
3 palmeiras estudadas em quatro trilhas nas comunidades ribeirinhas Xixuaú, Itaquera e Gaspar, na divisa de Roraima com o Amazonas.

Nome de consenso	Porcentagem de maior consenso	Varição do nome de maior consenso	Espécie	Família	Comunidades	Ambiente	Nº coleta
abiu	61,53%	abiuzeiro (23,76%), abieiro (7,69%)	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Sapotaceae	Xixuaú	Terra-firme	125
abiuarana	11,53%	não registrado	<i>Lindackeria paludosa</i> (Benth.) Gilg	Achariaceae	Xixuaú	Terra-firme	191
abiuarana	83,33%	abiuarana-da-várzea (8,33%)	<i>Pouteria gomphiifolia</i> (Mart. ex Miq.) Radlk.	Sapotaceae	Gaspar	Igapó	213
açaí	54,54%	açaizeiro (45,45%)	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Arecaceae	Itaquera	Terra-firme	Não
açaizeiro	82,35%	açaí (17,64%)	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	Não
acapurana, capurana	33,33%, 33,33%	não registrado	<i>Campsiandra laurifolia</i> Benth.	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	165
apuruizinho cuainho	16,66% 16,66%	apuruizinho-do-igapó (8,33%), cuinha (8,33%)	<i>Duroia genipoides</i> Spruce ex K.Schum.	Rubiaceae	Xixuaú	Igapó	164
arabá	83,33%	não registrado	<i>Swartzia acuminata</i> Willd. ex Vogel	Fabaceae	Gaspar	Igapó	157
arabá	83,33%	não registrado	<i>Swartzia acuminata</i> Willd. ex Vogel	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	157
araçá	75,00%	não registrado	<i>Calyptranthes crebra</i> McVaugh	Myrtaceae	Xixuaú	Igapó	161
araçá	33,33%	não registrado	<i>Discocarpus spruceanus</i> Müll. Arg.	Phyllanthaceae	Xixuaú	Igapó	155
araçá	79,16%	araçá-remela-de-jaboti (12,5%)	<i>Eugenia patrisii</i> Vahl	Myrtaceae	Xixuaú	Igapó, terra-firme	168

araçá	75,00%	não registrado	<i>Mouriri nervosa</i> Pilg.	Melastomataceae	Gaspar	Igapó	233
araçá	70,83%	araçázinho (8,33%), araçá-vermelho (8,33%)	<i>Myrcia grandis</i> McVaugh	Myrtaceae	Xixuaú	Igapó	178
araçá	76,92%	goiaba-araçá (7,69%)	<i>Myrciaria floribunda</i> (H. West ex Willd.) O. Berg	Myrtaceae	Xixuaú	Terra-firme	145
araparí	5,50%	não registrado	<i>Heterostemon mimosoides</i> Desf.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	246
araparí	79,16%	araparí-branco (4,16%), araparizeiro (4,16%)	<i>Macrobium acaciifolium</i> (Benth.) Benth.	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	162
aritó	23,07%	louro-aritó (7,69%), aritó-amarelo (7,69%)	<i>Licaria guianensis</i> Aubl.	Lauraceae	Xixuaú	Terra-firme	114
bacabeira	50,00%	bacaba (30,76%)	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	Não
bico-de-pato, envira	16,66%, 16,66%	não registrado	<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre	Sapotaceae	Xixuaú	Igapó	154
breeiro	15,38%	breu-pequeno (7,69%)	<i>Protium subserratum</i> (Engl.) Engl.	Burseraceae	Xixuaú	Terra-firme	116
breu	15,38%	breeiro (7,69%)	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Anacardiaceae	Xixuaú	Terra-firme	107
buchuchu	90,90%	não registrado	<i>Miconia sp.</i>	Melastomataceae	Itaquera	Terra-firme	185
cabeçudinho	29,16%	cabeçudo (12,50%)	<i>Pouteria elegans</i> (A. DC.) Baehni	Sapotaceae	Xixuaú	Igapó	160
cabibí	16,66%	não registrado	<i>Macrosamanea pubiramea</i> (Steud.) Barneby & J.W.Grimes	Fabaceae	Gaspar	Igapó	242
canela-de-velho	30,76%	não registrado	<i>Casearia javitensis</i> Kunth	Salicaceae	Xixuaú	Terra-firme	103
canela-de-velho	23,07%	não registrado	<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	Violaceae	Xixuaú	Terra-firme	112
capitiú	9,09%	não registrado	<i>Alexa grandiflora</i> Ducke	Fabaceae	Itaquera	Terra-firme	204
capitiú	27,27%	não registrado	<i>Casearia decandra</i> Jacq.	Salicaceae	Itaquera	Terra-firme	195

capitiú,	18,18%,	não registrado	<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.)	Moraceae	Itaquera	Terra-firme	190
miratinga	18,18%		Rusby				
caraipé	16,66%	não registrado	<i>Licania apetala</i> (E.Mey.) Fritsch	Chrysobalanaceae	Xixuaú	Igapó	247
caraipé	50,00%	não registrado	<i>Licania octandra</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze	Chrysobalanaceae	Gaspar	Igapó	243
caraipé	16,66%	não registrado	<i>Licania octandra</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze	Chrysobalanaceae	Xixuaú	Igapó	243
carapanaúba	33,33%	paracanaúba (19,44%)	<i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	Apocynaceae	Gaspar	Igapó	237
careca	83,33%	careca-da-várgea (8,33%)	<i>Alchornea discolor</i> Poepp.	Euphorbiaceae	Gaspar	Igapó	210
carequeira	23,07%	carequeira-da-terra-firme (10,25%), carequeira-grossa (2,56%), careca (2,56%), careca-da-terra-firme (2,56%)	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.	Euphorbiaceae	Xixuaú	Terra-firme	92
castanheira	84,61%	castanha (15,38%)	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	Lecythidaceae	Xixuaú	Terra-firme	121
comanda	16,66%	não registrado	<i>Crudia oblonga</i> Benth.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	231
coração-de-nego	16,66%	não registrado	<i>Cynometra spruceana</i> Benth.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	217
coumati	28,20%	não registrado	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	Myrtaceae	Xixuaú	Terra-firme	93
cuainho	58,33%	não registrado	<i>Duroia genipoides</i> Spruce ex K. Schum.	Rubiaceae	Gaspar	Igapó	164
cupiúba	23,07%	não registrado	<i>Goupia glabra</i> Aubl.	Goupiaceae	Xixuaú	Terra-firme	101
cupuaçu	76,92%	cupuaçuzeiro (15,38%), cupu (7,69%)	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Malvaceae	Xixuaú	Terra-firme	120
embaúba	83,33%	embaúba-branca (8,33%)	<i>Cecropia distachya</i> Huber	Urticaceae	Gaspar	Igapó	102
embaúba	53,84%	embaubeira (30,76%)	<i>Cecropia distachya</i> Huber	Urticaceae	Xixuaú	Terra-firme	102

embaúba	63,63%	embaubeira (36,36%)	<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	Urticaceae	Itaquera	Terra-firme	188
embaúba	21,05%	embaubão (10,52%), embaúba-da-terra-firme (3,50%)	<i>Pourouma minor</i> Benoist	Urticaceae	Itaquera	Terra-firme	199
embaúba	22,72%	embaubão (9,09%)	<i>Pourouma velutina</i> Mart. ex Miq.	Urticaceae	Itaquera	Terra-firme	201
embaúba	54,54%	embaubeira (40,90%), embaúba-branca (4,54%)	<i>Cecropia distachya</i> Huber	Urticaceae	Itaquera	Terra-firme	102
envira	8,33%	não registrado	<i>Amphirrhox longifolia</i> (A. St.-Hil.) Spreng.	Violaceae	Xixuaú	Igapó	167
envira	33,33%	envira-biribá (8,33%)	<i>Annona foetida</i> Mart.	Annonaceae	Gaspar	Igapó	221
envira	8,33%	não registrado	<i>Campsiandra laurifolia</i> Benth.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	165
envira	27,27%	não registrado	<i>Cordia fallax</i> I. M. Johnst.	Boraginaceae	Itaquera	Terra-firme	104
envira	41,66%	envira-de-porco (25%), envira-taia (8,33%), envira-preta (8,33%)	<i>Duguetia latifolia</i> R. E. Fr.	Annonaceae	Gaspar	Igapó	229
envira	41,66%	envira-branca (8,33%), envira-ferro (8,33%), envira-biriba (8,33%), envireira (8,33%)	<i>Duguetia longicuspis</i> Benth.	Annonaceae	Gaspar	Igapó	224
envira	50,00%	envira-preta (25%), envireira (12,5%)	<i>Guatteria megalophylla</i> Diels	Annonaceae	Gaspar	Igapó	223
envira	33,33%	não registrado	<i>Oxandra espintana</i> (Spruce ex Benth.) Baill.	Annonaceae	Gaspar	Igapó	234
envira-de-porco, envireira, envira-fofa	15,38%, 15,38%	envira-taia (7,69%), envireira-de-caçador (5,12%), envira (5,12%)	<i>Guatteria olivacea</i> R.E.Fr.	Annonaceae	Xixuaú	Terra-firme	98
envira-surucucu	36,36%	envireiro (9,09%), envireira-da-	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R. E. Fr.	Annonaceae	Itaquera	Terra-firme	109

		folha-fina (9,09%), envira (3,03%)					
envira-surucucu	23,07%	envira (15,38%), envireira (10,25%), envira-vassoura (7,69%), envireira-da-terra-firme (5,12%)	<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R. E. Fr.	Annonaceae	Xixuaú	Terra-firme	109
envireira	18,18%	envira (9,09%)	<i>Pouteria engleri</i> Eyma	Sapotaceae	Itaquera	Terra-firme	202
goiaba-de-anta	18,18%	não registrado	<i>Aparisthmium cordatum</i> (A. Juss.) Baill.	Euphorbiaceae	Itaquera	Terra-firme	183
goiaba-de-anta	88,88%	goiabeira-de-anta (2,22%)	<i>Bellucia dichotoma</i> Cogn.	Melastomataceae	Itaquera	Terra-firme	189
guariúba	54,54%	não registrado	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	Moraceae	Itaquera	Terra-firme	206
guariúba	18,18%	não registrado	<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	Violaceae	Itaquera	Terra-firme	112
inajá, bacabeira	48,71%, 28,20%	inajazeiro (12,82%), bacaba (7,69%)	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	Não
ingá	45,45%	ingazeira (45,45%)	<i>Inga disticha</i> Benth.	Fabaceae	Itaquera	Terra-firme	186
ingá	54,54%	ingazeira (45,45%)	<i>Inga macrophylla</i> Kunth ex Willd.	Fabaceae	Itaquera	Terra-firme	187
ingá-xixica	63,63%	ingá (4,54%)	<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	Fabaceae	Itaquera	Terra-firme	182
ingárana	20,83%	ingá (16,66%), ingárana-da-várzea (8,33%)	<i>Zygia cataractae</i> (Kunth) L. Rico	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	147
ingazeira	61,53%	ingá (30,76%), ingá-xixica (7,69%)	<i>Inga thibaudiana</i> DC.	Fabaceae	Xixuaú	Terra-firme	118
jará	75,00%	não registrado	<i>Leopoldinia pulchra</i> Mart.	Arecaceae	Xixuaú	Igapó	156
jarana, taquarí	8,33%, 8,33%	não registrado	<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	Sapotaceae	Xixuaú	Igapó	171
jauarí	100,00%	não registrado	<i>Astrocaryum jauari</i> Mart.	Arecaceae	Gaspar	Igapó	Não
jauarí	75,00%	jauarízeiro (8,33%)	<i>Astrocaryum jauari</i> Mart.	Arecaceae	Xixuaú	Igapó	Não
jutaí	18,18%	jutaizeiro(9,09%)	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	Fabaceae	Itaquera	Terra-firme	99

jutaízeiro	30,76%	jutaí (15,38%), jutaí-pororoca (7,69%)	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	Fabaceae	Xixuaú	Terra-firme	99
lacre	36,36%	não registrado	<i>Miconia poeppigii</i> Triana	Melastomataceae	Itaquera	Terra-firme	94
lacre	61,72%	lacrero (30,86%)	<i>Vismia cayennensis</i> (Jacq.) Pers.	Clusiaceae	Itaquera	Terra-firme	106
lacre	61,53%	lacre-do-amarelo (7,69%), lacre-do-vermelho (7,69%)	<i>Vismia cayennensis</i> (Jacq.) Pers.	Clusiaceae	Xixuaú	Terra-firme	106
louro	18,18%	louro-chumbo (9,09%), louro-amarelinho (9,09%), louro-preto (9,09%), louro-aritú (9,09%), louro-mamuí (9,09%)	<i>Aniba riparia</i> (Nees) Mez	Lauraceae	Itaquera	Terra-firme	207
louro	33,33%	louro-chumbo (16,66%), lourinho (4,16%),louro-namuí (4,16%)	<i>Licaria crassifolia</i> (Poir.) P. L. R.Moraes	Lauraceae	Gaspar	Igapó	239
louro	9,09%	não registrado	<i>Vouarana guianensis</i> Aubl.	Sapindaceae	Itaquera	Terra-firme	192
louro-abacaterana	50,00%	louro (16,66%), abacaterana (16,66%)	<i>Aniba affinis</i> (Meisn.) Mez	Lauraceae	Xixuaú	Igapó	159
louro-da-capoeira	27,27%	lourinho (18,18%), louro (22,72%)	<i>Nectandra cuspidata</i> Nees	Lauraceae	Itaquera	Terra-firme	184
louro-namuí	66,66%	louro (16,66), louro-chumbo (8,33%), louro-abacate (8,33%),	<i>Ocotea aciphylla</i> (Nees & Mart.) Mez	Lauraceae	Gaspar	Igapó	238
louro-preto	41,66%	louro (25%), lourinho (16,66%) , lourinho-da-várzea (8,33%)	<i>Endlicheria anomala</i> (Nees) Mez	Lauraceae	Gaspar	Igapó	212
macacarecuia, maraquecuia	33,33%, 33,33%	macaraquecuia (8,33%), castanha-macacarecuia (8,33%)	<i>Eschweilera tenuifolia</i> (O. Berg) Miers	Lecythidaceae	Xixuaú	Igapó	174
marajá	50,00%	marajá-da-mata (4,54%)	<i>Astrocaryum gynacanthum</i> Mart.	Arecaceae	Itaquera	Terra-firme	144

marajá	25,64%	espinho-marajá (7,69%)	<i>Astrocaryum gynacanthum</i> Mart.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	144
marajá	45,45%	marajazeiro (9,09%)	<i>Bactris maraja</i> Mart.	Arecaceae	Itaquera	Terra-firme	193
massarandúba	25,00%	não registrado	<i>Manilkara bidentata</i> (A. DC.) A. Chev.	Sapotaceae	Xixuaú	Igapó	179
mata-matá	33,33%	envira-mata-matá (25%)	<i>Eschweilera parviflora</i> (Aubl.) Miers	Lecythidaceae	Gaspar	Igapó	249
mata-matá	38,46%	envira-mata-matá (7,69%), mata-matá-branco (7,69%)	<i>Eschweilera rhododendrifolia</i> (R. Knuth) A.C.Sm.	Lecythidaceae	Xixuaú	Terra-firme	117
mata-pasta	30,76%	não registrado	<i>Senna silvestris</i> (Vell.) H. S. Irwin & Barneby	Fabaceae	Xixuaú	Terra-firme	123
mirapiranga	16,32%	não registrado	<i>Caraipa grandifolia</i> Mart.	Clusiaceae	Gaspar	Igapó	215
miratinga	16,66%	não registrado	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	Moraceae	Gaspar	Igapó	226
miratinga	18,18%	não registrado	<i>Perebea guianensis</i> Aubl.	Moraceae	Itaquera	Terra-firme	205
miratinga	15,38%	miratingueira (7,69%)	<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	Moraceae	Xixuaú	Terra-firme	110
molongó-branco	16,66%	jasmim-branco (8,33%)	<i>Tabernaemontana undulata</i> Vahl	Apocynaceae	Gaspar	Igapó	225
mulateiro	45,83%	mulato (12,5%), pau –mulato (8,33%)	<i>Myrcia rufipila</i> McVaugh	Myrtaceae	Gaspar	Igapó	227
murtinha	15,38%	não registrado	<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	Salicaceae	Xixuaú	Terra-firme	105
mututí	16,66%	não registrado	<i>Pterocarpus santalinoides</i> L'Hér. ex DC.	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	180
orelha-de-cachorro	16,66%	não registrado	<i>Crudia amazonica</i> Spruce ex Benth.	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	153
palheira, inajá	15,38%, 15,38%	palheira-da-terra-firme (7,69%), palha (7,69%)	<i>Syagrus inajai</i> (Spruce) Becc.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	143
paracaxí	36,92%	paracaxirana (6,15%), paracaxizeiro (3,07%)	<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) Kuntze	Fabaceae	Xixuaú	Terra-firme	146
para-pará	45,45%	para-parazeiro (9,09%)	<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don	Bignoniaceae	Itaquera	Terra-firme	194

para-pará	18,18%	pau-de-muquém (13,63%)	<i>Senna silvestris</i> (Vell.) H. S. Irwin & Barneby	Fabaceae	Itaquera	Terra-firme	123
paxiúba, paxiúbinha	38,46%, 38,46%	paxiubeira (7,69%)	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	Não
paxiúbarana	14,58%	não registrado	<i>Tovomita acutiflora</i> M. S. de Barros & G.Mariz	Clusiaceae	Gaspar	Igapó	235
paxiúbinha	72,72%	paxiúba (18,18%)	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	Arecaceae	Itaquera	Terra-firme	Não
piriquiteira	83,33%	não registrado	<i>Buchenavia ochroprumna</i> Eichler	Combretaceae	Gaspar	Igapó	152
piriquiteira, tanimbuquinha	65,27%, 16,66%	tanimbuqueira (8,33%), tanimbuca-da-várgea (6,94%)	<i>Buchenavia ochroprumna</i> Eichler	Combretaceae	Xixuaú	Igapó	152
pitomba	53,84%	pitombeira (7,69%)	<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith	Menispermaceae	Xixuaú	Terra-firme	100
pitomba	45,45%	pitombeira (27,27%)	<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith	Menispermaceae	Itaquera	Terra-firme	100
poleiro-de-pato	27,77%	bico-de-pato (13,88%)	<i>Abarema jupunba</i> (Willd.) Britton & Killip	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	148
ripeira	27,27%	não registrado	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	Moraceae	Itaquera	Terra-firme	198
são-joão	16,66%	não registrado	<i>Heisteria barbata</i> Cuatrec.	Olacaceae	Gaspar	Igapó	214
sapucaia, castanha- sapucaia	38,46%, 38,46%	castanheira-sapucaia (7,69%)	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Lecythidaceae	Xixuaú	Terra-firme	122
seringueira	76,92%	seringa (23,07%)	<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	Euphorbiaceae	Xixuaú	Terra-firme	124
tanimbuca	15,38%	tanimbuqueira (7,69%)	<i>Pouteria hispida</i> Eyma	Sapotaceae	Xixuaú	Terra-firme	113
tauarí	50,00%	não registrado	<i>Couratari tenuicarpa</i> A. C. Sm.	Lecythidaceae	Gaspar	Igapó	245
taquarí	71,55%	não registrado	<i>Mabea nitida</i> Spruce ex Benth.	Euphorbiaceae	Xixuaú	Igapó	149
taquarí	66,66%	não registrado	<i>Mabea nitida</i> Spruce ex Benth.	Euphorbiaceae	Gaspar	Igapó	149
tartaruguiha	50,00%	não registrado	<i>Mollia speciosa</i> Mart. & Zucc.	Meliaceae	Gaspar	Igapó	140

taxí	41,66%	taxízeiro (8,33%)	<i>Tachigali glauca</i> Tul.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	216
tintarana	16,66%	não registrado	<i>Elvasia calophyllea</i> DC.	Ochnaceae	Xixuaú	Igapó	172
tintarana	23,07%	não registrado	<i>Miconia poeppigii</i> Triana	Melastomataceae	Xixuaú	Terra-firme	94
tucumã	69,23%	tucumanzeiro (30,76%)	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G. Mey.	Arecaceae	Xixuaú	Terra-firme	Não
tucumã	57,57%	tucumanzeiro (36,36%)	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G. Mey.	Arecaceae	Itaquera	Terra-firme	Não
ubim	36,36%	ubinzinho (9,09%), ubim-mirim (9,09%)	<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	Arecaceae	Itaquera	Terra-firme	208
uchirana	83,33%	não registrado	<i>Couepia paraensis</i> (Mart. & Zucc.) Benth.	Chrysobalanaceae	Xixuaú	Igapó	170
vidreiro	52,08%	vidreiro-vermelho (4,16%), vidreiro-preto (4,16%)	<i>Burdachia prismatocarpa</i> Mart. ex A. Juss.	Malpighiaceae	Xixuaú	Igapó	150
vidreiro-branco	16,66%	não registrado	<i>Erythroxylum kapplerianum</i> Peyr.	Erythroxylaceae	Xixuaú	Igapó	173
sem consenso	0%	não registrado	<i>Acmanthera latifolia</i> (A.Juss.) Griseb.	Malpighiaceae	Gaspar	Igapó	222
sem consenso	0%	não registrado	<i>Amanoa oblongifolia</i> Müll.Arg.	Phyllanthaceae	Xixuaú	Igapó	177
sem consenso	0%	não registrado	<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.	Salicaceae	Gaspar	Igapó	232
sem consenso	0%	não registrado	<i>Chaunochiton loranthoides</i> Benth.	Olacaceae	Xixuaú	Igapó	248
sem consenso	0%	não registrado	<i>Clitoria amazonum</i> Mart. ex Benth.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	211
sem consenso	0%	não registrado	<i>Cordia fallax</i> I.M.Johnst.	Boraginaceae	Xixuaú	Terra-firme	104
sem consenso	0%	não registrado	<i>Croton matourensis</i> Aubl.	Euphorbiaceae	Xixuaú	Terra-firme	108
sem consenso	0%	não registrado	<i>Ferdinandusa lanceolata</i> K. Schum.	Rubiaceae	Xixuaú	Igapó	175
sem consenso	0%	não registrado	<i>Glandonia macrocarpa</i> Griseb.	Malpighiaceae	Gaspar	Igapó	240
sem consenso	0%	não registrado	<i>Guarea pubescens</i> (Rich.) A. Juss.	Meliaceae	Gaspar	Igapó	166
sem consenso	0%	não registrado	<i>Guarea pubescens</i> (Rich.) A. Juss.	Meliaceae	Xixuaú	Igapó	166

sem consenso	0%	não registrado	<i>Guarea silvatica</i> C.DC.	Meliaceae	Itaquera	Terra-firme	209
sem consenso	0%	não registrado	<i>Ilex divaricata</i> Mart. ex Reissek	Aquifoliaceae	Xixuaú	Igapó	176
sem consenso	0%	não registrado	<i>Lindackeria paludosa</i> (Benth.) Gilg	Achariaceae	Itaquera	Terra-firme	191
sem consenso	0%	não registrado	<i>Macrolobium multijugum</i> (DC.) Benth.	Fabaceae	Xixuaú	Igapó	158
sem consenso	0%	não registrado	<i>Matayba arborescens</i> (Aubl.) Radlk.	Sapindaceae	Xixuaú	Igapó	169
sem consenso	0%	não registrado	<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	Violaceae	Itaquera	Terra-firme	115
sem consenso	0%	não registrado	<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	Violaceae	Xixuaú	Terra-firme	115
sem consenso	0%	não registrado	<i>Poecilanthe amazonica</i> (Ducke) Ducke	Fabaceae	Gaspar	Igapó	241
sem consenso	0%	não registrado	<i>Pouteria cuspidata</i> (A.DC.) Baehni	Sapotaceae	Gaspar	Igapó	228
sem consenso	0%	não registrado	<i>Schefflera morototoni</i> (aubl.) maguire <i>et al.</i>	Araliaceae	Xixuaú	Terra-firme	126
sem consenso	0%	não registrado	<i>Siparuna decipiens</i> (Tul.) A.DC.	Siparunaceae	Itaquera	Terra-firme	200
sem consenso	0%	não registrado	<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	Elaeocarpaceae	Xixuaú	Terra-firme	111
sem consenso	0%	não registrado	<i>Swartzia anomala</i> R.S.Cowan	Fabaceae	Gaspar	Igapó	236
sem consenso	0%	não registrado	<i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng.	Fabaceae	Gaspar	Igapó	219
sem consenso	0%	não registrado	<i>Tapura guianensis</i> Aubl.	Dichapetalaceae	Gaspar	Igapó	230
sem consenso	0%	não registrado	<i>Virola obovata</i> Ducke	Myristicaceae	Gaspar	Igapó	218

1

2

3

4

5

6

1 *Tabela 6.* Denominação local e uso das 137 espécies botânicas de árvores e palmeiras estudadas em quatro trilhas nas comunidades ribeirinhas
 2 Xixuaú, Itaquera e Gaspar, na divisa de Roraima com o Amazonas.
 3

Família	Denominação local	Usos	N° coleta
Achariaceae			
<i>Lindackeria paludosa</i> (Benth.) Gilg	abiuarana, abiuarana-da-várzea	fruto para balar passarinho, madeira para arco, madeira para paneiro, madeira para lenha, madeira para teto de casa	191
Anacardiaceae			
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	breu, breeiro	entrecasca para calafetar canoa, resina para calafetar canoa, madeira para carvão, madeira para lenha, alimento para fauna, madeira para casa, resina para incenso	107
Annonaceae			
<i>Gutteria olivacea</i> R.E.Fr.	envira-de- porco, envireira, envira-fofa, envira-taia, envireira-de-caçador, envira	envira para paneiro, madeira para lenha, envira para amarrações, madeira para carvão, madeira para varal, fruto para iscar no anzol, madeira para cabo de zagaia e caniço, madeira para boia de malhadeira	98
<i>Bocageopsis multiflora</i> (Mart.) R. E. Fr.	envira-surucucu, envireiro, envireira-da-folha-fina, envira, envira-vassoura, envireira-da- terra-firme	madeira para lenha, madeira para carvão, madeira para construir casa, envira para paneiro, madeira para cabo de zagaia	109

<i>Annona foetida</i> Mart.	envira, envira-biribá	envira para amarrações, fruto para iscar no anzol, semente para artesanato, fruto para comer	221
<i>Guatteria megalophylla</i> Diels	envira, envira-preta, envireira	alimento para fauna, envira para amarrações, madeira para cabo de caniço e zagaia, fruto para iscar no anzol	223
<i>Duguetia longicuspis</i> Benth.	envira, envira-branca, envira-ferro, envira-biriba, envireira	envira para amarrações, madeira para espeto de carne, madeira para cabo de zagaia, madeira para construir casa, semente para artesanato, madeira para carvão	224
<i>Duguetia latifolia</i> R. E. Fr.	envira, envira-de-porco, envira-taia, envira-preta	envira para amarrações, madeira para lenha, madeira para caniço	229
<i>Oxandra espintana</i> (Spruce ex Benth.) Baill.	envira	casca para tingir cipó (castanho escuro), fruto para iscar no anzol, alimento para fauna	234
Apocynaceae			
<i>Tabernaemontana undulata</i> Vahl	molongó-branco, jasmim-branco	madeira para artesanato, madeira para boia de malhadeira	225
<i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	carapanaúba, paracanaúba	casca para malária, madeira para cabo de machado, madeira para lenha, casca para febre, casca para diarreia	237
Aquifoliaceae			
<i>Ilex divaricata</i> Mart. ex Reissek	sem denominação local	não registrado	176
Araliaceae			

<i>Schefflera morototoni</i> (aubl.) maguire et al.	marizeiro, torém, pau, embaúba-da-terra-firme, paracaxi, morototó	semente para artesanato, caule para bucha de motor, alimento para fauna, passar a folha no inchaço	126
Areaceae			
<i>Syagrus inajai</i> (Spruce) Becc.	palheira, palheira-da-terra- firme, palha, inajá, palheira-da- terra-firme, palha	alimento para fauna, folhas para rabo de jacu	143
<i>Astrocaryum gynacanthum</i> Mart.	marajá, marajá-da-mata, espinho-marajá	semente para artesanato, folha para flecha, fruto para comer	144
<i>Leopoldinia pulchra</i> Mart.	jará	tecer a folha para cobrir casas, folha para rabo de jacu, semente para artesanato, pedaço da folha usado como paleta para violão	156
<i>Bactris maraja</i> Mart.	marajá, marajazeiro	alimento para fauna, fruto para balar passarinho, semente para artesanato, estipe para artesanato, folha para cobrir casas, fruto para comer	193
<i>Geonoma deversa</i> (Poit.) Kunth	ubim, ubinzinho, ubim-mirim	tecer a folha para cobrir casas, semente para artesanato, estipe para retirar cartucho de espingarda, estipe para flecha	208
<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	açaí, açazeiro	vinho para alimentação, semente para artesanato, estipe para assoalho de casa, palmito para comer, ripa da estipe para tecer palha, raiz para anemia	Não
<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart.	bacabeira, bacaba	vinho para alimentação, palmito para alimetação, semente para	Não

		artesanato, estipe para assoalhar casa, estipe para telhado, estipe para artesanato, folha para cobrir tapir, folha para cobrir a caieira, extrair óleo da polpa	
<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.	inajá, bacabeira, inajazeiro, bacaba	alimento para fauna, comer o tapuru de seu fruto, semente para artesanato, fruto para iscar no anzol, folha para cobrir casa, folha para artesanato	Não
<i>Astrocaryum jauari</i> Mart.	jauarí, jauarízeiro	estipe para assoalhar casa, fruto para iscar no anzol, alimento para fauna, semente para artesanato, palmito para pegar quelônios, comer o fruto, folha para paneiro	Não
<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	paxiúba, paxiúbinha, paxiubeira	estipe para tecer palha, estipe para artesanato, estipe para assoalhar casa, estipe para cabo de peneiro, estipe para arco, semente para artesanato	Não
<i>Astrocaryum aculeatum</i> G. Mey.	tucumã, tucumanzeiro	fruto para comer, semente para artesanato, alimento para fauna, folha para leque, palmito para pegar quelônios, folha para paneiro	Não
Bignoniaceae			
<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don	para-pará, para-parazeiro	madeira para "pau de sebo", madeira para moquém, mastro para festa, madeira para tábuas de azimbre	194
Boraginaceae			
<i>Cordia fallax</i> I. M. Johnst.	envira	envira para amarrações	104
Burseraceae			
<i>Protium subserratum</i>	breeiro, breu-pequeno	fruto para comer, madeira para lenha	116

(Engl.) Engl.			
Chrysobalanaceae			
<i>Couepia paraensis</i> (Mart. & Zucc.) Benth.	uchirana	fruto para comer, madeira para carvão, casca para tingir tecido (vermelho), alimento para fauna, casca para diarreia	170
<i>Licania octandra</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze	caraipé		243
<i>Licania apetala</i> (E.Mey.) Fritsch	caraipé	fruto para comer, casca para fogareiro	247
Clusiaceae			
<i>Vismia cayennensis</i> (Jacq.) Pers.	lacre, lacrero, lacre-do-amarelo, lacre-do-vermelho	passar a resina na afecção de pele, madeira para lenha, casca para tingir cipó-titica (laranja)	106
<i>Caraipa grandifolia</i> Mart.	mirapiranga	madeira para casa, madeira para esteio de casa, madeira para embarcações, madeira para caniço	215
<i>Tovomita acutiflora</i> M. S. de Barros & G.Mariz	paxiúbarana	não registrado	235
Combretaceae			
<i>Buchenavia ochroprumna</i> Eichler	piriquiteira, tanimbuquina, tanimbuqueira, tanimbuca-da-várgea	madeira para carvão, madeira para lenha, madeira para canoa, casca para tingir malhadeira (amarelo), casca para tingir o cipó-titica (amarelo)	152

Dichapetalaceae

<i>Tapura guianensis</i> Aubl.	sem denominação local	não registrado	230
--------------------------------	-----------------------	----------------	-----

Elaeocarpaceae

<i>Sloanea guianensis</i> (Aubl.) Benth.	sem denominação local	madeira para lenha, madeira para construção	111
---	-----------------------	---	-----

Erythroxyloaceae

<i>Erythroxyllum</i> <i>kapplerianum</i> Peyr.	vidreiro-branco	madeira para esteio de casa, madeira para tábuas, madeira para carvão, alimento para fauna	173
---	-----------------	---	-----

Euphorbiaceae

<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.	carequeira, carequeira-da-terra-firme, carequeira-grossa, careca, careca-da-terra-firme	fruto para iscar no anzol, alimento para fauna, madeira para lenha, madeira para fazer calçado	92
---	---	--	----

Euphorbiaceae

<i>Croton matourensis</i> Aubl.	dima, tintarana, ripeira, envira-vassourinha, orelha-de-cachorro, taxi e pau-doido	madeira para lenha, envira para amarrações, madeira para construção de casa	108
---------------------------------	--	---	-----

<i>Hevea spruceana</i> (Benth.) Müll. Arg.	seringueira, seringa	leite para tirar oura, fruto para iscar no anzol, semente para artesanato, leite para calafetar canoa, leite para confecção (sapato, bolsa, bola, baladeira, pneu, borracha), madeira para construção, madeira para flutuante, madeira para violão, madeira para móveis, leite para mordida	124
---	----------------------	---	-----

		de cobra	
<i>Mabea nitida</i> Spruce ex Benth.	taquarí	alimento para fauna, madeira para casa, fruto para iscar no anzol	149
<i>Aparisthium cordatum</i> (A. Juss.) Baill.	goiaba-de-anta	fazer carvão	183
<i>Alchornea discolor</i> Poepp.	careca, careca-da-várgea	alimento para fauna, madeira para boia de balsa, fruto para iscar no anzol	210
Fabaceae			
<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	jutaízeiro, jutaí, jutaí-pororoca	fruto para comer, madeira para lenha, madeira para cabo de ferramentas, madeira para construção, madeira para carvão, semente para artesanato, resina para calafetar canoa, casca para dar brilho em artesanato	99
<i>Inga thibaudiana</i> DC.	ingazeira, ingá (30,76%), ingá-xixica	fruto para comer	118
<i>Senna silvestris</i> (Vell.) H. S. Irwin & Barneby	mata-pasta, para-pará, pau-de-moquém	folhas para afecções de pele, madeira para cerca, folhas e galhos para brincar	123
<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) Kuntze	paracaxí, paracaxirana, paracaxizeiro	madeira para carvão, alimento para fauna, madeira para lenha, casca para diarreia	146
<i>Zygia cataractae</i> (Kunth) L. Rico	ingárana, ingá, ingárana-da-várzea	alimento para fauna, madeira para lenha, madeira para casa, casca para ferrada de arraia	147
<i>Abarema jupunba</i> (Willd.)	poleiro-de-pato, bico-de-pato	madeira para casa, madeira para canoa, casca para passar na ferida	148

Britton & Killip

<i>Crudia amazonica</i> Spruce ex Benth.	orelha-de- cachorro	casca para limpeza do estômago, casca para fazer xarope contra vermes, madeira para casa, madeira para batelão	153
<i>Swartzia acuminata</i> Willd. ex Vogel	arabá	madeira para carvão, cera do fruto para cicatrizar ferida, casca para combater coceira, sapopema para quilha de canoa, casca para combater dor de dentes, sapopema para remo, alimento para fauna, pegar minhocas que se escondem nas sapopemas	157
<i>Macrolobium multijugum</i> (DC.) Benth.	sem denominação local	madeira para tábua de azimbre	158
<i>Macrolobium acaciifolium</i> (Benth.) Benth.	araparí, araparí-branco, araparízeiro	madeira para tábua, casca para tingir malhadeira, alimento para fauna, madeira para canoa, madeira para carvão, fruto para artesanato	162
<i>Campsiandra laurifolia</i> Benth.	acapurana, capurana, envira	madeira para carvão, madeira para esteio de casa, passar a casca no corte para ajudar na cicatrização	165
<i>Pterocarpus santalinoides</i> L'Hér. ex DC.	mututí	madeira para balsa, madeira para móvel	180
<i>Inga alba</i> (Sw.) Willd.	ingá-xixica, ingá	fruto para comer, madeira para carvão, casca para tingir cipó-títica (rosa claro), alimento para fauna, casca para ajudar a engrossar o leite da seringueira	182
<i>Inga disticha</i> Benth.	ingá, ingazeira	fruto para comer, madeira para carvão, fruto para iscar no anzol, alimento para fauna	186

<i>Inga macrophylla</i> Kunth ex Willd.	ingá, ingazeira	fruto para comer, madeira para carvão, alimento para fauna, fruto para iscar no anzol	187
<i>Alexa grandiflora</i> Ducke	capitiú	fruto para comer, madeira para móvel, alimento para fauna	204
<i>Clitoria amazonum</i> Mart. ex Benth.	sem denominação local	folha para mordida de cobra, fruto para brincar	211
<i>Tachigali glauca</i> Tul.	taxí, taxízeiro	madeira para assoalho de casa, madeira para lenha	216
<i>Cynometra spruceana</i> Benth.	coração-de-nego	madeira para assoalho de casa, madeira para artesanato	217
<i>Swartzia simplex</i> (Sw.) Spreng.	sem denominação local	não registrado	219
<i>Crudia oblonga</i> Benth.	comanda	madeira para carvão, madeira para casas, fruto para artesanato	231
<i>Swartzia anomala</i> R.S.Cowan	sem denominação local	envira para amarrações, madeira para móveis	236
<i>Poecilanthe amazonica</i> (Ducke) Ducke	sem denominação local	não registrado	241
<i>Macrosamanea pubiramea</i> (Steud.) Barneby & J.W.Grimes	cabibí	envira para fazer anzol de corríco	242
<i>Heterostemon mimosoides</i> Desf.	araparí	madeira para casa, madeira para cabo de enxada	246

Goupiaceae

<i>Goupia glabra</i> Aubl.	cupiúba	madeira para construção, madeira para lenha, passar a resina na coceira	101
----------------------------	---------	---	-----

Lauraceae

<i>Licaria guianensis</i> Aubl.	arítú, louro-arítú, arítú-amarelo	madeira para casa, madeira para canoa e batelão, madeira para remo	114
---------------------------------	-----------------------------------	--	-----

<i>Aniba affinis</i> (Meisn.)	louro-abacaterana, louro,	madeira para casa, madeira para canoa, madeira para remo, madeira para	159
-------------------------------	---------------------------	--	-----

Mez	abacaterana	móvel, madeira para carvão, alimento para fauna	
------------	-------------	---	--

<i>Nectandra cuspidata</i> Nees	louro-da-capoeira, lourinho, louro	madeira para casa, madeira para canoa, madeira para lenha, madeira para caniço, alimento para fauna	184
---------------------------------	---------------------------------------	--	-----

<i>Aniba riparia</i> (Nees) Mez	louro, louro-chumbo, louro- amarelinho, louro-preto, louro- arítú, louro-mamuí	madeira para casa, madeira para canoa, madeira para artesanato, madeira para cabo de zagaia	207
---------------------------------	--	--	-----

<i>Endlicheria anomala</i> (Nees) Mez	louro-preto, louro, lourinho, lourinho-da-várzea	madeira para casa, madeira para canoa, madeira para artesanato, madeira para lenha	212
--	---	---	-----

<i>Ocotea aciphylla</i> (Nees & Mart.) Mez	louro-namuí, louro, louro- chumbo, louro- abacate	madeira para casa, madeira para canoa, madeira para remo, madeira para móvel, alimento para fauna	238
---	--	--	-----

<i>Licaria crassifolia</i> (Poir.) P. L. R.Moraes	louro, louro-chumbo, lourinho,louro-namuí	madeira para casa, madeira para artesanato, alimento para fauna	239
--	--	---	-----

Lecythidaceae

<i>Eschweilera</i> <i>rhododendrifolia</i> (R.	mata-matá, envira-mata-matá, mata-matá-branco	madeira para casa, madeira para carvão, madeira para cabo de machado, envira para amarrações, madeira para espetinho de assar carne	117
---	--	--	-----

Knuth) A.C.Sm.			
<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	castanheira, castanha	castanha para comer, casca para inflamação, madeira para embarcação, casca para dor de barriga, casca para fazer um tipo de "estopa", castanha para produzir sabão, casca para banho de asseio, casca para calafetar canoa	121
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	sapucaia, castanha-sapucaia, castanheira-sapucaia	madeira para mourão de casa, ouriço para artesanato, castanha para comer, madeira para embarcação, madeira para casa, ouriço para artesanato,	122
<i>Eschweilera tenuifolia</i> (O. Berg) Miers	macacarecuia, maraquecuia, macaraquecuia, castanha-macacarecuia	madeira para carvão, cuia para beber água, envira para amarrações, casca para tingir malhadeira (preto), madeira para construção	174
<i>Couratari tenuicarpa</i> A. C. Sm.	tauarí	envira para amarrações, fruto para artesanato, casca como papel de cigarro, madeira para casa, madeira para artesanato	245
<i>Eschweilera parviflora</i> (Aubl.) Miers	mata-matá, envira-mata-matá	envira para amarrações, madeira para carvão, madeira para espeto de carne	249
Malpighiaceae			
<i>Burdachia prismatocarpa</i> Mart. ex A. Juss.	vidreiro, vidreiro-vermelho, vidreiro-preto	madeira para carvão	150
<i>Acmanthera latifolia</i> (A.Juss.) Griseb.	sem denominação local	fruto para comer, madeira para carvão, iscar o fruto no anzol	222

<i>Glandonia macrocarpa</i> Griseb.	sem denominação local	madeira para carvão	240
Malvaceae			
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K.Schum.	cupuaçu, cupuaçuzeiro, cupu	comer o fruto (suco, sorvete, doce, cacau)	120
Melastomataceae			
<i>Miconia poeppigii</i> Triana	tintarana, lacre	madeira para casa	94
<i>Miconia sp.</i>	buchuchu	fruto para comer, fruto para tingir cipó-titica (roxo), alimento para fauna, madeira para lenha, madeira para artesanato	185
<i>Bellucia dichotoma</i> Cogn.	goiaba-de-anta, goiabeira-de-anta	alimento para fauna, casca para tingir cipó-titica (vermelho), madeira para carvão, entrecasca para calafetar canoa, casca para dar brilho em artesanato	189
<i>Mouriri nervosa</i> Pilg.	araçá	fruto para comer, alimento para fauna, iscar o fruto no anzol, folhas para chá, madeira para carvão	233
Meliaceae			
<i>Mollia speciosa</i> Mart. & Zucc.	tartaruguinha	fruto para artesanato, casca para combater cólica e diarreia	140
<i>Guarea pubescens</i> (Rich.) A. Juss.	sem denominação local	madeira para esteio de casa, casca para vomitar, fruto pra iscar no anzol	166

<i>Guarea silvatica</i> C.DC.	sem denominação local	madeira para carvão, madeira para espeto de carne	209
Menispermaceae			
<i>Abuta grandifolia</i> (Mart.)	pitomba, pitombeira	fruto para comer, fruto para iscar no anzol, madeira para arco	100
Sandwith			
Moraceae			
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	miratinga, miratingueira	madeira para cabo de faca e machado, envira para amarrações, madeira para lenha	110
<i>Helicostylis tomentosa</i> (Poepp. & Endl.) Rusby	capitiú, miratinga	madeira para cabo de foice, envira para amarrações, alimento para fauna	190
<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	ripeira	semente para artesanato, envira para amarrações, madeira para espeto de carne	198
<i>Perebea guianensis</i> Aubl.	miratinga	não registrado	205
<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	guariúba	alimento para fauna, madeira para casa, madeira para canoa	206
<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	miratinga	não registrado	226
Myristicaceae			
<i>Virola obovata</i> Ducke	sem denominação local	madeira para lenha, madeira para tábua	218
Myrtaceae			
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.)	coumati	entrecasca para calafetar canoa, madeira para construção, madeira para	93

DC.		fazer o moquém, alimento para fauna, iscar o fruto no anzol	
<i>Myrciaria floribunda</i> (H. West ex Willd.)	araçá, goiaba-araçá	fruto para comer, madeira para lenha, alimento para fauna, madeira para casa, casca para combater vermes, iscar o fruto no anzol,	145
<i>Calyptranthes crebra</i> McVaugh	araçá	iscar o fruto no anzol, comer o fruto, madeira para lenha, madeira para carvão, alimento para fauna	161
<i>Eugenia patrisii</i> Vahl	araçá, araçá-remela-de-jaboti	iscar o fruto no anzol, comer o fruto, madeira para lenha, madeira para carvão, alimento para fauna, madeira para casa, madeira para canoa	168
<i>Myrcia grandis</i> McVaugh	araçá, araçázinho, araçá-vermelho	iscar o fruto no anzol, comer o fruto, madeira para lenha, madeira para carvão, alimento para fauna	178
<i>Myrcia rufipila</i> McVaugh	mulateiro, mulato, pau-mulato	fruto para comer, madeira para casa, alimento de fauna	227
Ochnaceae			
<i>Elvasia calophyllea</i> DC.	tintarana	casca para tingir malhadeira (vermelho), madeira para lenha, madeira para casa, entrecasca para calafetar canoa	172
Olacaceae			
<i>Heisteria barbata</i> Cuatrec.	são-jão	queimar as folhas para ouvir estalos	214
<i>Chaunochiton loranthoides</i> Benth.	sem denominação local	não registrado	248
Phyllanthaceae			
<i>Discocarpus spruceanus</i> Müll. Arg.	araçá	fruto para comer, alimento para fauna, madeira para lenha, madeira para carvão	155

<i>Amanoa oblongifolia</i> Müll.Arg.	sem denominação local	alimento para fauna	177
Rubiaceae			
<i>Duroia genipoides</i> Spruce ex K.Schum.	apuruizinho, cuainho, apuruizinho-do-igapó, cuinha	fruto para comer, madeira para lenha	164
<i>Ferdinandusa lanceolata</i> K. Schum.	sem denominação local	madeira para fazer cambito	175
Salicaceae			
<i>Casearia javitensis</i> Kunth	canela-de-velho	madeira para varal, madeira para poste, madeira para lenha, madeira para casa	103
<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	murtinha	madeira para lenha	105
<i>Casearia decandra</i> Jacq.	capitiú	não registrado	195
<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.	sem denominação local	madeira para casa, alimento para fauna	232
Sapindaceae			
<i>Matayba arborescens</i> (Aubl.) Radlk.	sem denominação local	não registrado	169
<i>Vouarana guianensis</i> Aubl.	louro	semente para artesanato, madeira para casa	192

Sapotaceae			
<i>Pouteria hispida</i> Eyma	tanimbuca, tanimbuqueira	madeira para casa, madeira para móvel, madeira para casa, madeira para remo, madeira para cerca	113
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	abiu, abiuzeiro, abieiro	fruto para comer, madeira para cabo de machado, madeira para arco	125
<i>Micropholis venulosa</i> (Mart. & Eichler) Pierre	bico-de-pato, envira	fruto para comer, madeira para casa	154
<i>Pouteria elegans</i> (A. DC.) Baehni	cabeçudinho, cabeçudo	madeira para casa, madeira para lenha, fruto para comer, alimento para fauna, madeira para quilha de barco	160
<i>Pouteria macrophylla</i> (Lam.) Eyma	jarana, taquari	alimento para fauna, madeira para casa	171
<i>Manilkara bidentata</i> (A. DC.) A. Chev.	massarandúba	madeira para esteio de casa, madeira para carvão, madeira para lenha, madeira para assoalho de casa	179
<i>Pouteria engleri</i> Eyma	envireira, envira	madeira para casa, envira para amarrações, alimento para fauna, madeira para carvão, madeira para tábua, madeira para batelão	202
<i>Pouteria gomphiifolia</i> (Mart. ex Miq.) Radlk.	abiuarana, abiuarana-da-várzea	fruto para comer, madeira para casa, alimento de fauna	213
<i>Pouteria cuspidata</i> (A. DC.) Baehni	sem denominação local	fruto para comer, madeira para casa	228
Siparunaceae			

<i>Siparuna decipiens</i> (Tul.) A.DC.	sem denominação local	madeira para cabo de zagaia	200
Urticaceae			
<i>Cecropia distachya</i> Huber	embaúba, embaúba-branca, embaubeira	caule para bucha da rabeta, iscar o fruto no anzol, alimento para fauna, passar a resina na verruga	102
<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	embaúba, embaubeira	beber a água da raiz escora, jogar a madeira na fogueira para estalar, caule para bucha da rabeta, alimento de fauna	188
<i>Pourouma minor</i> Benoist	embaúba, embaubão, embaúba- da-terra-firme	madeira para tábua de azimbre	199
<i>Pourouma velutina</i> Mart. ex Miq.	embaúba, embaubão	madeira para casa	201
Violaceae			
<i>Rinorea racemosa</i> (Mart.) Kuntze	canela-de-velho, guariúba	madeira para artesanato, madeira para lenha, madeira para casa	112
<i>Paypayrola grandiflora</i> Tul.	sem denominação local	madeira para cabo de enxada	115
<i>Amphirrhox longifolia</i> (A. .St.-Hil.) Spreng.	envira	fruto para comer, alimento para fauna, envira para amarrações	167

Apêndice1 - Termo de anuência prévia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA DA AMAZÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA

TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA para a realização do estudo: Recursos vegetais úteis para quatro comunidades do Baixo Rio Jauaperi, na divisa entre Roraima e Amazonas

1 - FINALIDADE DA PESQUISA

Identificar os recursos vegetais utilizados em quatro comunidades tradicionais na região do Baixo Rio Jauaperi, na divisa entre os Estados de Roraima e Amazonas.

A finalidade do estudo é entender qual a importância das plantas úteis do entorno das comunidades na vida dessas populações tradicionais.

2 - QUAL É A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

Existe a necessidade do desenvolvimento de pesquisas sobre o uso de plantas pelas comunidades ribeirinhas tradicionais do rio Jauaperi, o que permitirá conhecer a grande experiência acumulada, e em parte também perdida, que estes povos têm sobre seus recursos vegetais, na forma de conhecimentos que têm sido transmitidos por suas gerações, fazendo parte de sua cultura.

As atividades de pesquisa têm por interesse em longo prazo:

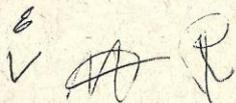
- conservar e valorizar a diversidade das plantas úteis da região;
- assegurar a transmissão, para as novas gerações, dessa diversidade de plantas e dos conhecimentos associados;
- assegurar o reconhecimento dos direitos das populações tradicionais sobre seus conhecimentos e seus recursos;
- ressaltar o papel de conservação da diversidade biológica que efetuam essas populações.

3 - O QUÊ SERÁ PESQUISADO

Desde já, fica estabelecido que a pesquisa não tem interesses comerciais ou econômicos.

As plantas citadas serão herborizadas e depositadas em herbários, que são locais de armazenamento de plantas coletadas. Este procedimento, muito comum entre os profissionais botânicos, servirá somente para a correta identificação da espécie vegetal em questão.

Esta pesquisa pretende:



- Identificar os critérios que os ribeirinhos utilizam para reconhecer e distinguir os diferentes tipos de florestas existentes em ambiente de terra firme e em ambientes sujeitos a alagamentos sazonais.
- Identificar espécies vegetais úteis em terra firme e em ambientes sujeitos a alagamentos sazonais, registrando os nomes locais de cada espécie e as respectivas formas de utilização e práticas de manejo relacionadas, quando houver.
- Comparar as plantas úteis quanto ao valor de uso (VU).
- Comparar as quatro comunidades quanto ao conhecimento e uso de plantas.
- Identificar como o conhecimento botânico encontra-se distribuído quanto à idade e sexo dos informantes.

4 - COMO SERÁ PESQUISADO

Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas e estruturadas com 120 moradores, distribuídos proporcionalmente entre as comunidades.

As entrevistas semi-estruturadas terão por objetivo abordar o conhecimento sobre a flora útil nos diferentes ambientes do entorno das comunidades, naqueles sob influência de alagamentos sazonais e em terra firme (quintais, roçado, capoeira, floresta). Já as entrevistas estruturadas terão o objetivo de gerar listagens livres de plantas para oito categorias de uso bem comuns, estas são: alimentação, artesanato, remédio, construção de canoas e barcos, construção de abrigos, caça e pesca, ferramentas e lenha.

As plantas úteis citadas serão coletadas e as amostras férteis serão depositadas no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Herbário Inpa), enquanto as amostras estéreis e férteis no Herbário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Zona Leste (Herbário EAFM).

5 – PERÍODO E LOCAIS DA PESQUISA

As comunidades caboclo-ribeirinhas estudadas no presente trabalho serão: Xixuaú, com cerca de 80 moradores; Itaquera, com cerca de 100 moradores; Sumaúma, com cerca de 15 moradores; e Gaspar com cerca de 20 moradores.

As visitas para coleta de dados serão realizadas entre julho de 2012 e março de 2013.

6 – A EQUIPE DE TRABALHO

8
✓ AA RB

Participação do estudo:

Nome	Formação/ instituição	Tema principal de trabalho
Stefan Ammann	Biólogo/UFRJ	Uso geral das plantas
Thiago Marinho	Mateiro, morador do Xixuaú, uma das comunidades estudadas	Coletor, auxiliar, aprendiz em parataxonomia
Camilo T. Pedrollo	Biólogo/UFRGS	Etnobotânica de plantas medicinais

7 – OS RECURSOS PARA A PESQUISA

Orçamento:

Os recursos hoje identificados para financiar a pesquisa provêm do “Projeto Botânica Comunitária no rio Jauaperi”, uma parceria do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, com a Associação Amazônia, a ONG Amazon Charitable Trust e o Royal Botanic Garden, Kew.

8 – RESULTADOS DA PESQUISA E FORMAS DE DIVULGAÇÃO

Os resultados serão divulgados de diversas formas:

- Por meio de publicações científicas (artigos, comunicações científicas, relatórios, documento de tese, resumos, pôsteres);
- Por meio de uma cartilha contendo fotografias de espécies vegetais úteis, com informações de nomes populares e os seus usos, a ser entregue nas comunidades ao fim da pesquisa.

9 – IMPACTOS SOCIAIS, CULTURAIS E AMBIENTAIS DA PESQUISA

Não haverá nenhum impacto significativo sobre o meio ambiente com a realização desta pesquisa, uma vez que não haverá nenhum impacto físico na área objeto de pesquisa e nenhum recurso se tornará escasso em decorrência da sua realização.

O impacto previsto sobre o dia-dia das comunidades será: presença de pesquisadores nas comunidades, que se alojarão em casas dos residentes locais; necessidade livre e espontânea de informantes que se disponham a participar das entrevistas. No que se refere à capacitação de agentes locais será permitida e incentivada a participação de moradores locais em diferentes etapas da pesquisa. Sendo que um membro da equipe (Thiago Marinho) é morador da comunidade Xixuaú, e está a dois anos sendo capacitado em parataxonomia, caleta e herborização de material botânico. É de especial interesse que sejam capacitados mais agentes

6
V AA PO

locais, para que estes sejam os melhores mantenedores e gestores dos recursos vegetais da região.

A realização da pesquisa trará benefícios para a região estudada, as instituições envolvidas, alunos e pesquisadores, colaborando na formação acadêmica dos alunos participantes e no conhecimento da biodiversidade amazônica.

10 – CONTATOS

Stefan Ammann, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Programa de Pós-Graduação em Botânica. E-mail: ammannstefan@yahoo.com.br; fone: (92) 81368441.

Pelo presente termo, atestamos que estamos cientes e que concordamos com a realização da pesquisa acima proposta, tendo sido garantido nosso direito de recusar o acesso ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético durante o processo de obtenção da anuência prévia.

Líder da comunidade Itaquera

Local: ITAQUERA

Data: 10/10/2012

Assinaturas/RG e CPF: MÂRCIO NASCIMENTO SOUZA CPF: 806.353.502-
RG: 1830792-2

Líder da comunidade Xixuaú

Local: XIXUAU

Data: 01/10/2012

Assinaturas/RG e CPF: Ílton Leite da Encarnação RG: 1912463-5

Líder da comunidade Samaúma

Local: Samaúma

Data: 9 do 10 de 2012

Assinaturas/RG e CPF: Maria Regina Pereira Lima
CPF: 225608669-34

Líder da comunidade Gaspar

Local: Gaspar

Data: 8/10/2012

Assinaturas/RG e CPF: Valdimar da Silva Brazão
R. G: 194F29010

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Márcio, portador do RG/CPF 806353502.20, líder da comunidade ITABUERA entendi o que a pesquisa vai fazer e aceito a participação da comunidade. Por isso dou meu consentimento para inclusão desta na pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Márcio Arcangelo Souza
Assinatura do representante

10/10/2012
Data



Impressão do polegar,
caso não saiba
escrever o nome.

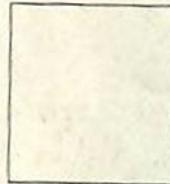
Stefan Ammann
Nome do pesquisador

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Elton, portador do RG/CPF 4912463-5, líder da comunidade XIXOAU entendi o que a pesquisa vai fazer e aceito a participação da comunidade. Por isso dou meu consentimento para inclusão desta na pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Elton Souza da Encarnação
Assinatura do representante

01/10/2012
Data



Impressão do polegar,
caso não saiba
escrever o nome.

Stefan Ammann
Nome do pesquisador

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Valdemar, portador do RG/CPF
191F09010, líder da comunidade QASPAR entendi o que
a pesquisa vai fazer e aceito a participação da comunidade. Por isso dou meu consentimento
para inclusão desta na pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Valdina da Silva Boragão
Assinatura do representante

08/10/2012
Data



Impressão do polegar,
caso não saiba
escrever o nome.

Stefan Ammann
Nome do pesquisador

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, Regina, portador do RG/CPF
CPF: 225608662-34, líder da comunidade Samama entendi o que
a pesquisa vai fazer e aceito a participação da comunidade. Por isso dou meu consentimento
para inclusão desta na pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Maria Regina P. Lima
Assinatura do representante

9/10/2012
Data



Impressão do polegar,
caso não saiba
escrever o nome.

Stefan Ammann
Nome do pesquisador

Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido



Ministério da
Ciência e Tecnologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto: “Recursos vegetais úteis para quatro comunidades do Baixo Rio Jauaperi, na divisa entre Roraima e Amazonas”

Eu, Stefan Ammann, estou fazendo uma pesquisa sobre os recursos vegetais úteis para os moradores da região do Baixo Rio Jauaperi. Gostaria de pedir a sua colaboração respondendo algumas perguntas sobre quais plantas o(a) senhor(a) usa e de que lugar elas são coletadas. Também gostaria de pedir para fazer coletas de ramos de algumas plantas, além de fazer algumas perguntas sobre como o(a) senhor(a) usa e cuida dessas plantas. Com as informações eu pretendo estudar quais os ambientes do entorno da comunidade fornecem plantas úteis bem como a utilidade das plantas citadas.

Sua participação é voluntária e se o(a) senhor(a) participar não terá nenhuma despesa nem receberá algo em troca. Essa pesquisa é o meu projeto de mestrado. Mesmo após a sua autorização o(a) senhor(a) terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, independente do motivo e sem levar qualquer prejuízo.

Fotografias, filmagens e gravações das entrevistas poderão ser feitas somente se o/a Senhor/a autorizar. Por favor, assinale se concorda ou não: [] SIM [] NÃO

O seu nome não será revelado em nenhum momento e as informações fornecidas serão utilizadas apenas na realização dessa pesquisa. Eu me comprometo a validar as informações com as entrevistas, avaliar os dados e a apresentar os resultados para a comunidade, bem como jamais patentear nenhuma das informações obtidas com a pesquisa. Se o(a) senhor(a) quiser saber mais detalhes, ou quiser entrar em contato por qualquer outro motivo sobre o projeto, pode ligar para Stefan no número (92) 81368441 ou escrever um email: ammannstefan@yahoo.com.br, CEP/Inpa 3643-3150

Eu, _____, RG: _____ morador/a da comunidade _____ entendi o que a pesquisador vai fazer e aceito participar de livre e espontânea vontade. Por isso dou meu consentimento para inclusão como participante da pesquisa e atesto que me foi entregue uma cópia desse documento sob o número _____.

.....
Assinatura do(a) entrevistado(a)

Impressão do polegar,
caso não saiba escrever o
nome.

Data:.....

.....
Responsável pela entrevista

Apêndice 3- Ata da qualificação



DIVISÃO DOS
CURSOS DE
PÓS-GRADUAÇÃO

AULA DE QUALIFICAÇÃO

PARECER

Aluno(a): STEFAN AMMANN
Curso: BOTÂNICA
Nível: Mestrado
Orientador(a): MICHAIL JOHN GILBERT HOPKINS (INPA)

ETNO

"ETNOBOTÂNICA DE QUATRO COMUNIDADES DO BAIXO RIO JAUAPERI, NA DIVISA ENTRE RORAIMA E AMAZONAS"

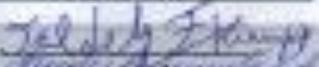
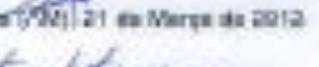
BANCA JULGADORA

TITULARES:

VALDELY FERREIRA KINUPP (UFAM)
SANDRA DO NASCIMENTO NODA (UFAM)
ALBERTO WAGNER (UFAM)

SUPLENTE:

VICTOR PY-DANIEL (INPA)
CHARLES ROLAND CLEMENT (INPA)

EXAMINADORES	PARECER	ASSINATURA
VALDELY FERREIRA KINUPP	(X) Aprovado () Reprovado	
SANDRA DO NASCIMENTO NODA	(X) Aprovado () Reprovado	
VICTOR PY-DANIEL	(X) Aprovado () Reprovado	

Manaus (AM) 21 de Março de 2012

OBS: A banca julgou que os aspectos botânicos
deben ser avaliados nos aspectos botânicos, sendo que
está a tempo necessário para abordar a discussão
completada.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE BOTÂNICA
Av. André Araújo, 2920 - Bairro: Sítio - Casa Postal: 476 - CEP: 66.000-001, Manaus-AM
Fone: (11) 911 82 3043-3110 Fax: (11) 911 82 3043-3118
site: <http://inpa.inpa.gov.br> e-mail: ppgbotanica@inpa.gov.br

Apêndice 4-Ata da defesa

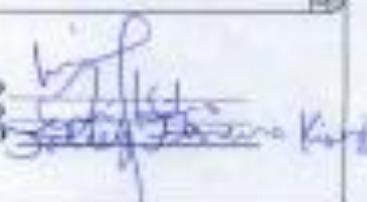





ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BOTÂNICA DO INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

Aos três dias do mês de julho do ano de 2013, às 08:00h, na sala de seminários da biblioteca do INPA - Campus I reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: **Dr. Lis Chou Ming**, da Universidade Estadual Paulista (Unesp Rio Claro), **Dr. Ari de Freitas Ribalço**, e **Dr. Valdey Ferreira Kintupp**, do Instituto Federal do Amazonas, tendo como suplentes, **Dra. Charles Roland Clement**, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, e **Dna. Theresinha de Jean Pinto Inoue**, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a uma defesa pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO intitulada "ETNOBOTÂNICA DE ÁRVORES E PALMEIRAS EM TRÊS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO JAUAPEBI, NA DIVISA ENTRE RORAIMA E AMAZONAS", do discente **STEFAN AMMANN** sob a orientação **Dr. Michael John Gilbert Hopkins** e Co-orientação **Dra. Veridiana Vitorí Scadoffer** e **Dr. William Milken**.

Após a exposição, dentro do tempo regulamentar, o (a) discente foi arguido (a) oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final:

EXAMINADORES	PARECER	ASSINATURA
LIS CHOU MING	<input checked="" type="checkbox"/> APROVADO	
ARI DE FREITAS RIBALÇO	<input checked="" type="checkbox"/> APROVADO	
VALDEY FERREIRA KINTUPP	<input checked="" type="checkbox"/> APROVADO	

OBS: *Discutem e avaliam com os orientadores as sugestões de banca e depois concluem com o parecer final e assinam.*

Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


 Michael John Gilbert Hopkins
 Coordenador do Programa
 Pós-Graduação em Botânica
 Av. STANLEY RAMOS

